

Trabalho de Graduação

Curso de Graduação em Geografia

**HISTÓRIA NATURAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: A PAISAGEM COMO
CATEGORIA DE ANÁLISE NA LITERATURA DE VIAGEM**

Thiago de Castro Ribeiro

Prof.Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Rio Claro (SP)

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

THIAGO DE CASTRO RIBEIRO

HISTÓRIA NATURAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: A
PAISAGEM COMO CATEGORIA DE ANÁLISE NA LITERATURA
DE VIAGEM

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro - SP

2023

R484h Ribeiro, Thiago de Castro
História natural da cidade do Rio de Janeiro : a paisagem como
categoria de análise na literatura de viagem / Thiago de Castro
Ribeiro. -- Rio Claro, 2023
52 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e
Ciências Exatas, Rio Claro
Orientador: Paulo Roberto Teixeira de Godoy

1. Geografia cultural. 2. História natural. 3. Biodiversidade. 4.
Naturalistas. 5. Ações antrópicas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

THIAGO DE CASTRO RIBEIRO

HISTÓRIA NATURAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: A
PAISAGEM COMO CATEGORIA DE ANÁLISE NA LITERATURA
DE VIAGEM

Trabalho de Graduação apresentado ao Instituto
de Geociências e Ciências Exatas - Câmpus de
Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista Júlio
de Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

Paulo Roberto Teixeira de Godoy (orientador)

Andréia Medinilha Pancher

Diego Corrêa Maia

Rio Claro, 12 de dezembro de 2023.

Thiago de Castro Ribeiro

Assinatura do(a) aluno(a)



assinatura do(a) orientador(a)

[...] Só é paisagem quando percebida. Alguns de seus elementos não aguardaram a humanidade para existir mas, se compõem uma paisagem, é sob a condição de serem olhados. Somente a representação os faz paisagem. (BRUNET, 1992. p. 337).

[...] As paisagens, é disto que agora trataremos, dão-se no espaço, mas contém tempo. Como grandes acordes musicais construídos a quatro mãos pela Natureza e pela História, ao longo de muitas eras e dos tempos mais recentes, as paisagens se oferecem em cada Presente para a escuta daqueles que puderem decifrá-la. Ao olhar para uma delas, clamemos por silêncio interior e ponhamo-nos à escuta. Surge ali uma nota, ressoando do mais remoto dos tempos; depois outra, mais outra, e assim, sucessivamente. Decifrar paisagens é como escutar sinfonias, com os ouvidos atentos para perceber as diversas melodias que a constituem. (BARROS, 2017. p. 59)

RESUMO

Apesar da passagem de diversos naturalistas viajantes pelo Brasil durante quase todo século XIX, nenhum deles deixou discípulos. Em contrapartida, deixaram uma rica coleção de registros como cartas, diários, registros de bordo, relatos de naufrágio e textos que buscavam formas, motivos e temas de diversas naturezas. Esse vasto material, baseado em relatos descritivos, muitas vezes estranha às ciências naturais, é uma rica fonte de informações significativas que é negligenciada por trabalhos biogeográficos. Entende-se, portanto, que a elaboração de ferramentas metodológicas para sistematizar o imenso volume de conhecimento difundido entre esses inúmeros relatos se mostra fundamental. Nesse sentido, o objetivo central desse trabalho se constituiu na utilização da abordagem oferecida pela geografia histórica, empregada na análise sistematizada da literatura de viagem, visando contribuir para a avaliação da ação antrópica sobre a distribuição geográfica da biota pretérita no processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX. Através do levantamento bibliográfico, identificamos na publicação trazida por Spix e Martius em “*Viagem pelo Brasil*” (1823), a fonte primária mais adequada a nossa proposta de abordagem. A análise documental sugere que os naturalistas permaneceram no Rio de Janeiro por cerca de cinco meses (julho-dezembro). Nesse período, relataram diversas incursões aos morros e serras que circundavam a cidade, incluindo uma subida até o pico do Corcovado. A partir da combinação entre as descrições paisagísticas trazidas pelos relatos, informações das etiquetas dos *vouchers* de espécimens botânicos depositados em herbários, documentos cartográficos antigos, mapas e imagens de satélite, buscamos reconstruir a paisagem da cidade e seus arredores daquele início de século. A reconstrução dos principais caminhos percorridos pelos naturalistas nos permitiu subdividir esse trajeto em cinco trechos com paisagens distintas: (1) Mangue, (2) rua Mata-Porcos, (3) Encosta que antecede o Corcovado, (4) Ao longo do aqueduto e (5) Subida ao Corcovado. No contexto, a cidade demonstrava um forte vetor de expansão na direção OSO. Se iniciavam as obras de aterramento do mangue de São Diogo que, naquele momento, se apresentava como uma planície pantanosa entremeada pelas águas e o lodo do mar. Apesar dos relatos citarem a presença de espécies típicas de mangue como a sereíba (*Avicennia tomentosa*) e o mague-vermelho (*Rhizophora mangle*), o que chamou mais a atenção dos viajantes é a presença de lixo e animais mortos. Desde a passagem dos naturalistas pela cidade, a mancha urbana expandiu, em média, mais de cem metros por década (um quilômetro/século) em direção as encostas da Serra da Carioca, chegando nos limites do Parque Nacional da Tijuca, junto à Cascata da Carioca. A análise da paisagem histórica da cidade do Rio de Janeiro do século XIX, através do olhar de Martius e Spix, não

se encerra em si. Essa discreta produção abre possibilidades para que seus resultados sejam utilizados para melhorar a precisão das informações das etiquetas dos *vouchers* depositados em coleções, tendo sua aplicação em estudos de conservação e recuperação ambiental, criação de roteiros eco-turísticos, além de servir de subsídios para a educação ambiental e do resgate da paisagem enquanto patrimônio.

Palavras-chave: biodiversidade. naturalistas. ações antrópicas.

ABSTRACT

Despite the passage of several traveling naturalists through Brazil during most of the 19th century, none of them ended up leaving any disciples. On the other hand, they left behind a rich collection of records such as letters, diaries, logbooks, shipwreck reports and texts that sought out forms, motifs and themes of various kinds. This vast material, based on descriptive accounts, often foreign to the natural sciences, is a rich source of significant information that is neglected by biogeographical works. Therefore, the development of methodological tools to systematize the immense volume of knowledge disseminated among the countless travel reports by naturalists is fundamental for validating this information. To this end, the central objective of this work was to use the approach offered by historical geography, employed in the systematized analysis of travel literature, with the aim of contributing to the evaluation of anthropic action on the geographical distribution of prehistoric biota in the urbanization process of the city of Rio de Janeiro in the early 19th century. Through the bibliographic survey, we identified the publication brought by Spix and Martius in “*Viagem pelo Brasil*” (1823), the primary source most appropriate to our proposed approach. Documentary analysis suggests that Martius and Spix stayed in Rio de Janeiro for around five months (July-December). During this period, they reported several incursions into the hills and mountains surrounding the city, including a climb to the peak of Corcovado. By combining the landscape descriptions provided by the reports, information from the voucher labels of botanical specimens deposited in herbariums, old cartographic documents, maps and satellite images, we sought to reconstruct the landscape of the city and its surroundings at the beginning of the century. The reconstruction of the main paths taken by the naturalists allowed us to subdivide this route into five sections with distinct landscapes: (1) Mangue, (2) Mata-Porcos street, (3) Slope leading up to Corcovado, (4) Along the aqueduct and (5) Ascent to Corcovado. In this context, the city was showing a strong vector of expansion in a WSW direction. Work was beginning on filling in the São Diogo mangrove swamp, which at the time appeared to be a marshy plain interspersed with the waters and mud of the sea. Although the reports mention the presence of typical mangrove species such as the sereíba (*Avicennia tomentosa*) and mague-vermelho (*Rhizophora mangle*), what draws the attention of travelers is the presence of garbage and dead animals. Since the passage of the naturalists through the city, the urban sprawl has expanded, on average, by more than a hundred meters per decade (one kilometer/century) towards the slopes of the Serra da Carioca, reaching the limits of the Tijuca National Park, next to the Carioca Waterfall. The analysis of the historical landscape of the city of Rio de Janeiro in the 19th century, through the eyes of Martius and Spix, does not

end in itself. This discreet production opens up possibilities for its results to be used to improve the accuracy of the location of voucher labels deposited in collections, with application in conservation and environmental recovery studies, the creation of eco-tourism routes, as well as serving as a subsidy for environmental education and the rescue of the landscape as heritage.

Keywords: biodiversity. naturalist. anthropic actions.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A PAISAGEM	11
3. A GEOGRAFIA HISTÓRICA E A HISTÓRIA DA PAISAGEM	18
4. MATERIAL E MÉTODO	20
a. Pesquisa documental histórica	20
b. Reprodução cartográfica	21
c. Reconstituição das paisagens	22
5. A CIDADE E OS ARREDORES DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, CAPITANIA/PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO (ATUAL CIDADE DO RIO DE JANEIRO – RJ), DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX	22
5.1 Freguesia de Santana do Campo / Cidade Nova	23
5.2 Incursões e coletas no alto curso da sub-bacia hidrográfica do rio Carioca	27
5.3 Reconstituição da paisagem do caminho até o Corcovado	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
7. REFERÊNCIAS	36
ANEXO A. Levantamento bibliográfico de obras literárias sobre narrativas de viagem no território brasileiro	40
ANEXO B. Registros de ocorrência de espécimes botânicos coletados por Carl von Martius e depositados em herbários agregados ao GBIF	42
ANEXO C - Relatos do caminho percorrido por Spix e Martius até o Corcovado subdivididos em seis trechos	51

1. INTRODUÇÃO

A partir das revoluções científicas do século XVII, as Ciências passaram por transformações significativas, das quais, emerge no século XVIII, uma nova visão da natureza que começava a enunciar as características metodológicas que se tornariam atributos das Ciências Naturais ao longo do século XIX e parte do século XX (MIRANDA, 1977). Do desenvolvimento da máquina à vapor, passando pela invenção do para-raios e dos telescópios, pouco a pouco, novos mundos começaram a se revelar diante da humanidade e, com eles, a crença de que era possível descobrir suas leis naturais (WULF, 2019, p.42).

Como destaca França (2012, p.24), *“Nunca é demais lembrar que, ao longo do século XVI, as navegações em geral e a conquista da América em particular tornaram-se questões de Estado.”*. Notáveis descobertas técnicas como a bússola, o astrolábio e a caravela, bem como, a aliança entre a Dinastia de Avis e o grupo mercantil, trouxeram sucesso ao empreendimento lusitano que vive seu apogeu ainda no século XV (LOPEZ, 1988, p.11).

Ao disseminar o imperialismo mundo afora, essa epopéia das navegações também gera, como subproduto, um conjunto de obras literárias que se popularizaram na Europa entre os séculos XV e XVI. Essa literatura de viagem assume diversas estruturas tais como cartas, diários, registros de bordo, relatos de naufrágio e textos que buscavam formas, motivos e temas de diversas naturezas (CUNHA, 2012, p.155). O complexo campo literário e discursivo que se abre deixa rastros documentais que se desdobram em suas malhas compositivas, gerando variadas mobilidades simbólicas entre os elementos mentais e sensoriais destes registros (VECCHIO, 2021, p.111).

Financiados pelos Estados Nacionais, esses grandes empreendimentos marítimos tinham inicialmente como intuito, enviar exploradores, comerciantes e religiosos para regiões remotas em busca de novos territórios e riquezas. Posteriormente, já na segunda metade do século XVIII, viagens internacionais de circunavegação passaram a ser fomentadas com o objetivo principal de busca pelo conhecimento científico (SCHEMES, 2015, p.2).

Essas viagens abriram um interessante ciclo de observações globais das quais não podemos deixar de mencionar as expedições científicas, comandadas por La Condamine, La Perouse, Bougainville e James Cook, coordenadas pelas academias de ciência, especialmente a Académie des Sciences francesa e a Royal Society inglesa (FETZ, 2019, p.48).

Esse período dourado das expedições científicas, em meados do século XVIII, propiciou um terreno fértil para que, cada vez mais viajantes naturalistas, munidos de seus cadernos de campo, diários e anotações, se aventurassem na incessante busca para descrever,

catalogar e sistematizar as informações desses novos mundos. A expectativa, como descreve Fetz (2019, p.48), era compilar todo o conhecimento existente até então e elaborar uma grande narrativa da origem e do desenvolvimento da natureza.

Esse vasto material, baseado em relatos descritivos, muitas vezes estranha às ciências naturais, é salientado por Papavero e Teixeira (2001, p.1024), como exemplo de uma rica fonte de informações significativas que é negligenciada por trabalhos zoológicos. Entretanto, a utilização dessa bibliografia segue carente de uma definição metodológica que seja reproduzível pelas ciências em seus variados campos. Entende-se, portanto, que a elaboração de uma ferramenta metodológica para sistematizar o imenso volume de conhecimento difundido entre os inúmeros relatos de viagem de naturalistas se mostra fundamental para que essas informações sejam reconhecidas, do ponto de vista científico, e passíveis de comparação com outros estudos geográficos, históricos, biológicos e ecológicos mais recentes.

A bibliografia que reúne os relatos de naturalistas viajantes que realizaram incursões na América do Sul e no Brasil é por demais extensa. No entanto, não podemos deixar de citar alguns de seus principais expoentes. Dentre estes, configuram Alexander Von Humboldt, August Saint-Hillare, Johann Baptiste Von Spix, Carl Friedrich Von Marthius, Georg Heinrich von Langsdorff, Peter Wilhelm Lund e Eugenius Warming, destacados por Troppmair (2012, p.14) como os viajantes com grande contribuição para os estudos fitogeográficos em nosso país. França (2012) apresenta, em sua antologia de textos sobre o papel da literatura de viagem na construção da imagem do Brasil, sobretudo no exterior, uma vasta lista de viajantes entre os séculos XVI e XVIII. Aqui, para citar alguns, o autor parte de Américo Vespúcio, passando por Hans Staden, Johannes Nieuhof, Thomas Cavendish, Joseph Banks, John Byron, chegando a John Mawe, John Thurbull e Urey Lisiansky.

Diante do exposto, esperamos oferecer um instrumental metodológico que nos permita dispor do conhecimento produzido por esses viajantes naturalistas, precursores da ciência moderna, aplicando-os através de novas abordagens nos estudos da paisagem. Para tanto, o objetivo central dessa pesquisa foi analisar a paisagem histórica que permeava a cidade do Rio de Janeiro do século XIX, através do olhar de naturalistas viajantes.

Como objetivos específicos, visamos: (1) compor um banco de dados, que seja útil para estudos de cunho biogeográfico, ecológico e histórico que possa auxiliar as interpretações da distribuição da biota de maneira mais ampla; (2) elaborar produtos cartográficos digitais como mapas de ocorrência de espécies, dos caminhos percorridos por esses naturalistas, assim como, de eventos, pessoas e lugares de destaque.

2. A PAISAGEM

A origem do termo ‘paisagem’ parece não gerar dúvidas, tendo surgido nos Países Baixos durante o século XV sob a forma de *landskip*, termo utilizado em quadros que passavam a apresentar uma porção de natureza sob o enquadramento de janelas, diminuindo o destaque sobre os personagens de suas composições (CLAVALL, 2004, p.13).

Com a propagação dos trabalhos naturalistas, crescia também a necessidade da descrição das formas do terreno, fisionomia vegetal, ocupações humanas e tudo aquilo que era possível de ser captado pelos sentidos destes viajantes aonde quer que fossem. Sobretudo, após as recentes descobertas de novas terras pelos europeus durante suas empreitadas além-mar.

O termo *landskip* chega à Alemanha como *landscharft* e é através de Humboldt que o estudo e a noção de paisagem se difundem na Geografia (CARVALHO, *et al.* 2012, p.320). O saber descritivo e a prática da descrição constituem um dos fundamentos da concepção da ciência humboldtiana. Entretanto, sua prática não se restringe apenas à objetividade pura, mas também inclui um dado imaterial importantíssimo, percebido através do movimento de espacialização da sensação do viajante (PEDRAS, 2000, p.99).

Ratzel, por sua vez, ocupado com o estudo da geografia do homem, toma emprestado os métodos das ciências naturais para estudar a difusão do homem sobre a Terra por ele habitada (RATZEL, 1990) e, diferentemente de Humboldt, utiliza o conceito de paisagem em uma forma antropogênica, demonstrando que ela poderia representar o resultado do distanciamento do espírito humano do seu meio natural (SCHIER, 2003, p.82). Para ele, a civilização seria independente da natureza não no sentido da completa libertação, mas no sentido de uma ligação mais diversificada, mais ampla e menos imperiosa (RATZEL, 1990, p.54).

As transformações na disciplina geográfica que a escola alemã proporcionou sob figuras como Alexander von Humboldt, Friedrich Ratzel, somadas às de Carl Ritter, repercutiram e acabaram por influenciar pensadores franceses, levando à sua reconfiguração no final do século XIX (CLAVALL, 2007, p.19).

Para Vidal de la Blache a paisagem representaria um verdadeiro documento “vivo” que possibilitaria aos geógrafos a chance de visualizar e analisar as transformações sobre o par homem-meio (HAESBAERT, *et al.* 2012, p.34). Em seu artigo “*De l’interpretation géographique des paysages*” (Da interpretação da paisagem geográfica) de 1908, Vidal chama a atenção para o fato de que sua análise [da paisagem] deve buscar distinguir os traços

heterogêneos de sua composição, resultante dos intrincados eventos pretéritos e presentes, manifestados no relevo.

Dessa forma, a escola vidalina proporcionou uma renovação da Geografia através de seu interesse pela paisagem, pelas regiões e pelo presente. Considerada como idade de ouro da escola geográfica francesa, esses trabalhos tiveram, inclusive, profunda influência sobre a geração de historiadores da década de 1930 (CAIRE-JABINET, 2003 p.114).

Assim, o estudo das paisagens naturais evoluiu dentro da Geografia em duas direções distintas. A primeira, sob a ótica biofísica, entende a paisagem como um complexo natural integral, visão esta que parte dos estudos de Humboldt e Dokuchaev, que viriam a constituir a essência das escolas alemã e russo-soviética, respectivamente. E a segunda, predominantemente sociocultural, vê a paisagem como espaço social, ou uma entidade perceptiva. Esta, por sua vez, trouxe os fundamentos das escolas francesa, anglosaxônica e européia-ocidental (RODRIGUEZ, *et al.* 2017, p.20).

Embora o estudo das paisagens naturais dentro da geografia tenha seguido rumos distintos, a abordagem enfatizando a análise do todo sob uma dimensão basicamente espacial era caráter comum destas escolas paisagísticas. Oscar Schlüter, por exemplo, entendia a paisagem como a totalidade que integra elementos da natureza e os elementos da cultura. O discípulo de Humboldt teve forte influência da escola germânica da paisagem, mas também trouxe contribuições que viriam a influenciar a escola humanística décadas mais tarde (CARVALHO, *et al.* 2012, p.320).

Considerado como o primeiro teórico da geografia enquanto ciência da paisagem, Schlüter dedicou grande parte de sua carreira à datação das grandes fases de desmatamento que a Alemanha e a Europa Central passaram. Sendo assim, as tentativas de reconstrução das paisagens da escola alemã, tradicionalmente, tiveram por finalidade contar a história da biosfera. Portanto, a análise das paisagens realizada pelos geógrafos alemães se demonstra mais biológica e mais ecológica do que a de seus colegas franceses (CLAVALL, 2004, p.44).

Entre a segunda metade do século XIX e início do século XX, com o surgimento das primeiras interpretações físico-geográficas envolvendo a interação dos fenômenos naturais e as primeiras formulações da paisagem como noção científica, é que se estabelece a Ciência da Paisagem como disciplina científica que estuda a paisagem. Tamanha é a relevância que essa categoria de análise passa a ter neste início de século que Carl Sauer (1925) a considera como o objeto central de estudo da Geografia:

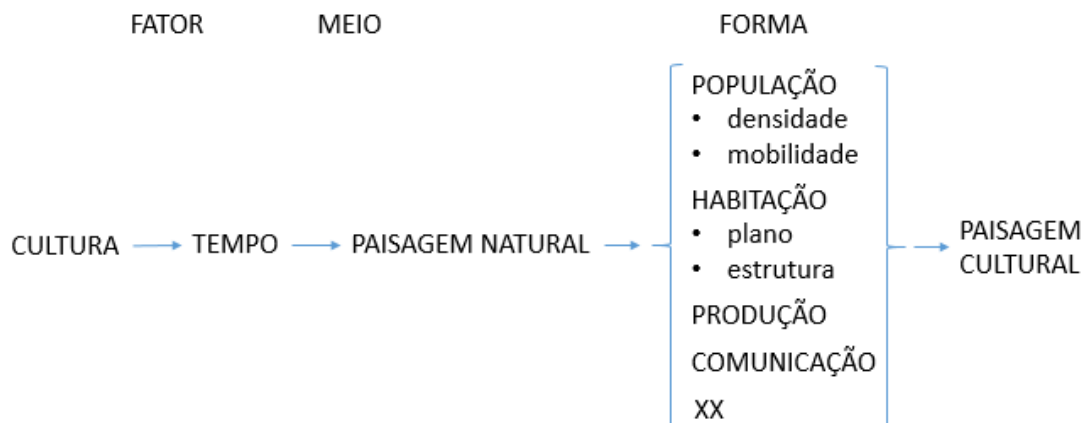
“A botânica é o estudo das plantas e a geologia, das rochas, porque essas categorias de fatos são evidentes a todas as inteligências que se preocupam com a observação

da natureza. No mesmo sentido, a área ou a paisagem é o campo da geografia, porque é uma importante seção da realidade ingenuamente perceptível e não uma ideia sofisticada. [...] Os fenômenos que compõem uma área não estão simplesmente reunidos, mas estão associados ou interdependentes. Descobrir esta conexão e ordem dos fenômenos em área é uma tarefa científica e de acordo com a nossa posição a única à qual a geografia deveria devotar suas energias.” (p.15)

Para Sauer, as paisagens poderiam ser divididas entre as que seriam supostamente intocadas ou com pouca ação humana, então denominadas como *paisagem natural (original)*, e aquelas com a presença humana como agente transformador da paisagem natural, denominadas como paisagens culturais. Assim, a *paisagem cultural* seria o resultado da ação do agente *cultura* ao longo do tempo sobre a *paisagem natural* (meio) (**Figura 1**). Ainda, nas palavras de Sauer (1925):

“Suas formas [paisagem cultural] são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem. Com base nessa definição, em geografia não nos preocupamos com a energia, costumes ou crenças do homem, mas com as marcas do homem na paisagem.” (p.57)

Figura 1 – Esquema conceitual adaptado de Carl Sauer, 1925.



Fonte: Sauer (1925)

Partindo de uma base fenomenológica, Sauer também propõe a definição de quatro ramos de estudo para a geografia: (1) o estudo das categorias da forma, equivalente à geografia geral; (2) a geografia regional, com o processo comparativo entre paisagens ou, o ordenamento de paisagens culturais; (3) a geografia histórica, com o trabalho de reconstituição do desenvolvimento da paisagem cultural no presente com base em culturas

mais antigas e na paisagem natural; (4) a geografia comercial, responsável pelo estudo das formas de produção e distribuição dos produtos pela paisagem (SAUER, 1925, p.60).

Essa tendência dicotômica de se pensar a relação entre natureza e homem (ou cultura) também se propagara para as demais ciências sociais no final do século XVIII e início do século XIX, marcando, especialmente, o campo da história (SILVA, p.298).

Em 1900, Henri Berr funda a *Revue de synthèse historique*, reunindo colaboradores de diferentes áreas como Paul Vidal de la Blache, Émile Durkheim, Henri Wallon, Lucien Febvre e Marc Bloch (CAIRE-JABINET, 2003, p.112). Nesse ínterim, inspirado pelos *Annales* de Géographie de Vidal la Blache, criado em 1891, Febvre idealiza os *Annales d'histoire économique et sociale*. O primeiro número desta revista, que viria a se tornar o principal meio de difusão do apelo em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história, é publicado em 1929, tendo Febvre e Bloch como editores (BURKE, 1991, p.41).

Dentre as contribuições dos *Annales* para o movimento de renovação da historiografia, vale destacar que, da sistemática colaboração entre as diferentes ciências sociais e a história, também se estabelecem estreitas relações entre a Geografia e a História. Ambas as disciplinas se influenciaram mutuamente, com a Geografia expandindo os horizontes dos historiadores da história rural (CAIRE-JABINET, 2003, p.122).

Da efervescência desde momento histórico surge a figura de Fernand Braudel. Este historiador francês, questionador das fronteiras disciplinares e que buscava ampliar o diálogo entre as ciências, aponta para uma dupla crise em curso. Enquanto a Geografia vivia a crise da “descrição”, a História sofria com a crise da “narração”. Na sua percepção, ambas se apresentavam como limitadas diante da tarefa de explicar os fenômenos, por isso propõe sua problematização conjunta (RIBEIRO, 2015, p.608). Ainda, de acordo com Ribeiro (2015):

“Braudel não aparta sociedade e espaço: a história não acontece primeiro para, no momento seguinte, deparar-se com o espaço. Sua lição para as ciências humanas versa que a história das sociedades é simultaneamente temporal e espacial e que o espaço, embora alterado, apresenta-se como uma estrutura da história. É dos laços entre as sociedades e seus espaços que Braudel apreende os diferentes ritmos da história. Em outras palavras, uma mudança de escala pode ser também uma mudança de temporalidade. Por isso sua geo-história é multiescalar, pois espaço é sinônimo de diversidade, de conexão, de redes entrelaçadas – noções que põem em xeque o tempo linear e as filosofias do progresso.” (p.608).

Conceito elaborado por Braudel entre as décadas de 1940 e 1950, a geo-história foi apresentada sob o título “*Géohistoire: la société, l'espace et le temps*”. No entanto, é na sua tese de doutoramento intitulada “*La Méditerranée à l'époque de Philippe II*” (1949), que encontramos uma ampla reflexão sobre um espaço, suas relações com os homens, em um

tempo quase imóvel (CAIRE-JABINET, 2003, p.123). A “geo-história” nos é apresentada como geografia humana em ordem histórica (e não descritiva), interpretada através da manipulação do tecido que conecta os fenômenos sociais e naturais. Nesse sentido, ao mesmo tempo que os ambientes naturais não pertencem ao campo de investigação do cientista social, eles não podem ser negligenciados (KNIGHT, 1950, p.212).

Durante as décadas seguintes, diante do cenário pós-guerra dos anos 1950 e 1960, geógrafos ligados às emergentes correntes da geografia quantitativa e da geografia crítica passaram a interpretar grande base da geografia vidalina como antiquada, sem sentido de aplicação em um mundo cada vez mais interligado e largamente homogeneizante (NAME, 2010, p.170). Dentro desse contexto, a geografia cultural de Sauer, voltada para a reconstituição pretérita de paisagens e sociedades, se tornara cada vez mais limitada para atender às novas demandas das sociedades modernas.

A paisagem estava ausente no racionalismo lógico-matemático da geografia quantitativa, passando a ser analisada em sua materialidade física, perdendo relevância na produção acadêmica e tendo sua dimensão cultural reduzida à ideologia (NAME, 2010, p.171). A geografia cultural é assim reduzida, chegando a ser confundida com a história do povoamento, apresentada por um quadro geral naturalista, e a necessidade de ultrapassar as abordagens muito positivistas – então dominantes – passa a se manifestar desde a metade do século XX (CLAVAL, 2004, p.46).

Nos anos 1960, uma geografia ousada em seus temas – sobretudo em questões ligadas ao ‘lugar’ – passa a influenciar o conceito de paisagem: a geografia humanista. Mas é na década seguinte, com o lançamento da revista *Hérodote* por Yves Lacoste, que a geografia francesa volta a dar destaque ao conceito de paisagem (NAME, 2010, p.171). No mesmo sentido, a “nova história” é igualmente renovada pelas abordagens dos anos 1960 com o estruturalismo, representado por Michel Foucault. Se valendo dos mesmos documentos explorados pelas gerações anteriores, essa geração de historiadores reivindicava, de forma incisiva, o direito de coincidir seus centros de interesse pessoal e o campo da pesquisa (CAIRE-JABINET, 2003, p.137).

Estes novos olhares sobre as paisagens colocados em pauta pelos geógrafos entre o final do século XIX e o início dos anos 1970, como destaca Claval (2004), se revelaram muito fecundos pois “*Fizeram com que se tomasse consciência das relações íntimas que unem os aspectos físicos, os componentes biológicos e as realidades nos ambientes sociais que os homens constituíram.*” (p.47)

No entanto, os estudos geográficos em torno da imaginação humana, visando a superação da visão cartesiana e positivista, antecede a própria geografia humanista. A atitude fenomenológica parece ter estado presente em várias etapas anteriores do pensamento geográfico como na obra de Carl Sauer, já mencionado anteriormente, mas também nos trabalhos de J.K. Wright, W. Kirk, Eric Dardel, E. G. Hoskins e D. Lowenthal (AMORIM, 2014, p.69). Tendo, entretanto, como marco inaugural dessa vertente, a publicação do artigo “Geografia Humanística” (1976) de Yi-Fu Tuan (HOLZER, 2013, p.137).

Tuan propõe dois modos de se ler os conceitos geográficos: (1) a partir dos processos físicos que afetam as formas da Terra; (2) nas marcas que o homem imprime na natureza (HOLZER, 2013, p.139). Sendo dever do geógrafo humanista, a busca pelo entendimento de como o espaço se transforma em um lugar especificamente humano (VIEIRA et al. 2021, p.38). Para tanto, nas palavras de Holzer (2013) essa geografia “*se dedicaria ao estudo das vivências, que se expandem do lar para paisagens mais amplas, da paisagem humanizada para os cenários mais selvagens*” (p.138).

Publicado pela primeira vez em 1974, “*Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*”, Tuan contribui com esse neologismo no intuito de incluir todos os aspectos que envolvem os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes, por sua vez, podendo variar em intensidade, sutileza e modo de expressão.

Dentre as respostas ao meio ambiente que podem ser percebidas pelos seres humanos estariam a apreciação estética, o contato físico, familiaridade e afeição e o patriotismo. Sobre a apreciação estética, por exemplo, Tuan destaca os diários dos exploradores, que abundam destas repentinas revelações de beleza natural:

“a descrição de Clarence King, do vale de Yosemite durante um momento de calma em uma tempestade de neve e a descrição de Sir Francis Younghusband, de seu encontro com o monte Kinchinjunga – de intensidade quase mística – quando a névoa que geralmente encobre o pico Himalaio, inesperadamente se dissipou, revelou o seu longínquo esplendor etéreo. Este tipo de experiência ocorre mesmo com pessoas que não sentem nenhum amor pela natureza” (TUAN, 1980, p.109).

A definição de paisagem a partir da consideração de um espaço subjetivo, sentido e vivido tem sido escolhido por arquitetos, psicólogos, sociólogos e, cada vez mais por geógrafos, na busca da solução de problemas no entorno da reconstrução de paisagens cotidianas a partir da atitude de indivíduos e de coletividades (OLIVEIRA, 2017, p.165). Nesse sentido, como nos alerta a professora Livia de Oliveira:

“Na percepção da paisagem, o sujeito não se limita a receber passivamente os dados sensoriais, mas os organiza para lhes dar sentido. A paisagem percebida é, portanto, também construída e simbólica.” (p.166)

Nos anos 80, a geografia humanista continuou a se expandir, diversificando propostas e se difundindo para além da geografia cultural e histórica. Nesse processo, houve a crescente procura por precursores desse pensamento e de interfaces com outros campos da geografia, crescendo também as controvérsias sobre quais seriam seus temas e seus objetivos, bem como, as críticas sobre abordagem fenomenológica praticada pelos humanistas (HOLZER, 2013, p.144).

Apesar da presença relevante, a maioria dos trabalhos têm se utilizado da paisagem como plano secundário para fornecer subsídios ao planejamento e à gestão ambiental em níveis local e regional (NEVES e SALINAS, 2017). Ainda, como destacam Neves e Salinas (2017), mesmo tendo participado de maneira mais evidente em análises culturais, com o crescente uso do conceito na Geografia Humana, a *paisagem* continua sendo frequentemente associada à Geografia Física.

Grande parte dos estudos em geografia têm se valido da abordagem geossistêmica. Proposta por Sochava (1977), este a considera como capaz de desempenhar o principal papel na solução de numerosos problemas em que a participação do geógrafo é necessária (OLIVEIRA, 2017, p.162). Este foi um passo importante ao integrar a dimensão espacial com a funcional, dando origem à escola siberiana da paisagem e a escola européia-oriental (RODRIGUEZ et al., 2017, p.22).

Sob uma perspectiva mais ampla, trazida pela linha de pensamento da Geografia Ambiental (Ecogeografia; Geo-ecológica), que tem como seus maiores expoentes Tricart, Troll e Sochava, considera que a paisagem pode ser vista como um sistema de conceitos, atrelados em três níveis de sistemas ambientais: (1) paisagem natural (ecossistema); (2) paisagem social e (3) paisagem cultural (RODRIGUEZ et al, 2017, p.54). Aqui, se resgatam os conceitos de Sauer (1925), da cultura enquanto *agente* sobre a paisagem natural (*meio*), resultando na paisagem cultural. Esta é percebida pelos sujeitos através dos cinco sentidos e assimilada afetivamente e culturalmente pelo ser humano (RODRIGUEZ et al, 2017, p.16).

Os estudos de percepção de paisagens que tem sido realizados nessas últimas décadas podem ser inseridos no campo da percepção do meio ambiente e, como destaca Oliveira (2017, p.162), procuram definições mais precisas de suas características.

3. A GEOGRAFIA HISTÓRICA E A HISTÓRIA DA PAISAGEM

O estudo da paisagem, tradicionalmente, esteve muito ligado à geografia histórica (ERTHAL, 2003, p.31). Segundo Lourenço (2005, p.32), a diferença entre o saber geográfico e o saber histórico estaria na sua abordagem. Enquanto a História estaria envolvida em entender o desenrolar das sociedades humanas no tempo, a preocupação da Geografia seria revelar como tais sociedades, nesse *continuum*, criam seus lugares e produzem suas paisagens. Dentre as regras fundamentais que permitiriam aos geógrafos acessar esse passado, Abreu (2000) destaca três:

(1) se as categorias de análise da geografia são universais, as variáveis que as operacionalizam não o são; (2) só se pode entender o “presente de então” se pudermos contextualizá-lo; (3) as geografias do passado trabalham, não com o passado propriamente dito, mas com os fragmentos que ele deixou. (p.18)

Nesse sentido, as geografias do passado, assim como a arqueologia, buscam reconstruir as paisagens do passado. Mas, se os arqueólogos se atêm às evidências materiais das atividades humanas, fossilizadas no espaço, os geógrafos historiadores contam com inúmeras outras fontes para buscar seus objetivos (LOURENÇO, 2005, p.33).

Acessar a história de uma paisagem, por vezes, pode se tornar uma tarefa hercúlea. A narrativa histórica que se inscreve num território ou suporte físico no qual a ação do ser humano se registra, carrega consigo diferentes ideologias acumuladas ao longo do desenvolvimento dessa relação dialética homem-natureza.

Graças à nova natureza das relações intrassociais e entre sociedades, cujo âmbito ultrapassou o das comunidades isoladas, e mesmo dos países, a construção do espaço não resulta unicamente da atividade econômica direta e imediata (SANTOS, 2004, p.210). Nessa perspectiva, as relações socioespaciais e a estrutura de classe, no entendimento do desenrolar dos fatos históricos, se tornam elementos cruciais para o entendimento dos resultados do impulso humano para adaptar a natureza às suas necessidades objetivas, mas também da inserção – ou apagamento – de outras possibilidades de vivência nesse meio.

Aqui, vale destacar que a Geografia Histórica não conseguiu estabelecer uma tradição no Brasil (ERTHAL, 2003, p.30). Mesmo os estudos de paisagem, sempre tratados entre várias linhas de investigação e concepções teóricas pela geografia, vem recebendo menos destaque nos últimos anos, especialmente pelos estudos em geografia humana (CONTI, 2014, p.244). Os espaços do passado ainda constituem um campo bastante inexplorado pelos geógrafos brasileiros. Estes trabalhos, concentrados na discussão sobre as origens e a

evolução histórica dos núcleos urbanos do país, têm buscado, na maioria das vezes, traçar seu desenvolvimento considerando estritamente seus aspectos morfológicos (ABREU, 2000).

Reconhecidamente, o espaço urbano carrega em si grande complexidade. A diversidade de ações que os agentes desenvolvem resulta em sua constante reorganização espacial, se manifestando na densificação do uso da terra, ocupação de áreas impróprias para moradia, deterioração de certas áreas, renovação de outras, emprego diferenciado de infraestrutura, polaridades diferenciadas, dentre outras (ANTUNES e FERNANDES, 2020).

A despeito das atuais contribuições trazidas pela abordagem histórica das paisagens, naturalistas do século XIX estão entre aqueles que mais se aproximaram da leitura de paisagem originalmente idealizada por Humboldt. Ainda, foram testemunhas oculares em um dos períodos com maior impacto sobre os biomas pelo mundo, como foi o caso das empreitadas imperialistas e do intenso processo de urbanização vivido pelas cidades brasileiras, principalmente no que se refere à chegada da família real na então província de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 1808.

A rica diversidade de registros documentados por estes viajantes não deve ser esquecida no exercício da geografia histórica em reconstruir paisagens pretéritas. No entanto, sua apreensão não pode ser tomada de forma apressada ou leviana. De início, é preciso relembrar que nem todo registro escrito é um documento histórico e nem todas as fontes históricas se apresentam como documento escrito. Na prática, algumas questões essenciais devem se levantadas para averiguar se o documento analisado pode ser utilizado como fonte de pesquisa histórica: (1) qual a *forma material* que o mesmo apresenta; (2) qual o *conteúdo* que disponibiliza para pesquisa; (3) quais seus *objetivos* ou os propósitos de quem o elaborou e de quem o lê e/ou interpreta (SAMARA *et al.* 2010, p.70).

Sejam *manuscritos* ou *impressos* a forma material desses documentos, quanto mais avançamos para os dias iniciais da colonização, mais provável que o acesso às informações fique restrito a documentos de caráter político-administrativo, devido aos altos índices de analfabetismo da época. De outro lado, quanto mais nos aproximamos dos dias atuais, o desafio se torna selecionar, dentre inúmeros documentos, aqueles registros mais apropriados sobre o tema em questão. Já o *conteúdo* de cada documento, preconiza estabelecer a análise crítica dos assuntos trazidos e de sua relevância para o estudo em andamento. Por fim, a análise das fontes pode ser definida quanto aos seus próprios objetivos e os objetivos de cada pesquisador (SAMARA *et al.* 2010, p.70).

4. MATERIAL E MÉTODO

No contexto da interação entre o observador e a paisagem, é relevante abordar a influência crucial das escalas e dos níveis de observação. A escolha da escala de observação desempenha um papel fundamental ao determinar a visibilidade ou invisibilidade de diferentes aspectos, dependendo da escala em questão. Ao adotar uma perspectiva distante, é possível perceber uma totalidade mais ampla da paisagem, enquanto uma abordagem mais próxima revela detalhes específicos que podem passar despercebidos em escalas mais amplas. Assim, o tratamento geográfico das paisagens não se limita apenas ao que é visível, mas também abrange a maneira como essa visão é construída (BARROS, 2017, p. 54).

Com base na abordagem de Silva (1997, p.309), propomos uma análise holística da questão apresentada nessa pesquisa. Dentro do “esquema de análise estrutural”, a paisagem não se constitui, *a priori*, de um dado da geografia, mas sim como uma resultante de variados fatores, todos fundamentais na organização do espaço: (1) os dados da geografia física; (2) os dados do direito; (3) a tecnologia disponível; (4) os dados da demografia; (5) os dados da sociologia. Dessa forma, entendemos a consequente compreensão da história da paisagem como uma visão de síntese. A geografia apresenta-se, assim, como condição sensível inicial, mas incapaz de determinar qualquer processo linear de evolução (SILVA, 1997, p. 309).

O trabalho se constituiu de três etapas de desenvolvimento que envolveram: (a) pesquisa documental histórica, (b) espacialização dos elementos da paisagem através da produção cartográfica (mapas e perfis) e (c) a reconstituição das paisagens apreendidas pelos naturalistas.

a. Pesquisa documental histórica

O levantamento do documental histórico foi realizado a partir das publicações dos viajantes que percorreram nossa área de estudo, ou seja, a cidade do Rio de Janeiro, dentro do período temporal definido entre os séculos XV e XIX, e que estavam disponíveis em bibliotecas físicas e digitais (Library of Congress, The New York Public Library – Digital Collections, Biblioteca Digital Luso-Brasileira, Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho – Serviço de Biblioteca Digital, Sistema de Informações do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro).

A avaliação crítica dos documentos levou em conta a credibilidade do autor e sua obra perante a comunidade científica, a qualidade das informações descritas em suas publicações e sua utilidade para o escopo desse trabalho. Ainda, utilizamos um dos critérios adotados por

França (2012), no qual o autor seleciona apenas as narrativas com data de publicação próxima de sua redação ou, no mais tardar, poucas décadas depois (**ANEXO A**).

Através desse levantamento bibliográfico, identificamos na publicação trazida por Spix e Martius em “*Viagem pelo Brasil*”, publicado em 1823, a fonte primária mais adequada a nossa proposta de abordagem. Devido à característica literária (literatura de viagem), o relato trazido por Spix e Martius é, como um todo, um tanto impreciso quanto a datas em que eventos específicos se desenvolvem (qualidade apreciada em diários viagem). Para esmiuçar esse conteúdo no intento de estabelecer uma base cronológica mais precisa, confrontamos esses relatos – nosso objeto de análise – com, como diria March Bloch (1997, p. 8), outros ‘*vestígios*’.

Além do relato de viagem publicado por Spix e Martius, outros documentos como os *Relatórios* remetidos nesse período à corte bávara e *vouchers* de espécimes botânicos depositados em herbários digitais, agregados pela plataforma da *Global Biodiversity Information Facility* – GBIF, foram analisados a fim de cruzar seus dados e dar solidez para nossas conjecturas. Ainda, cartas endereçadas e recebidas de outros naturalistas, bem como, diários e relatos destes em viagens pelo Brasil nesse período foram considerados como documentos históricos relevantes para a reconstituição destes caminhos e suas respectivas paisagens.

b. Reprodução cartográfica

O método adotado reúne a abordagem “*geohistórica*”, com pesquisas em torno de documentos históricos e leitura atenta da literatura secundária, e “*geocomputacional*”, utilizando computadores para analisar dados espaciais e modelar processos geográficos (KNOWLES, 2005).

A partir da combinação entre as descrições paisagísticas trazidas pelos relatos, informações das etiquetas dos *vouchers* de espécimes botânicos depositados em herbários, documentos cartográficos antigos, mapas, informações geoespaciais e imagens de satélite, buscamos reconstruir a distribuição espacial do uso e ocupação do solo na cidade do Rio de Janeiro do início do século XIX.

O caminho descrito pelos viajantes foi reconstituído e georreferenciado com auxílio da Planta da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (Ignacio Antonio dos Reis e Paulo dos Santos Ferreira Souto, 1812), Planta do Rio de Janeiro, A Capital do Brasil (Eugène Hubert de La Michellerie, 1831), Plano da Planta da Cidade e Subúrbios do Rio de Janeiro (José

Maria Manso, 1850) e Planta da Cidade do Rio de Janeiro e de uma Parte dos Subúrbios (Eduardo Maschek, 1885).

Informações como logradouros, edificações e características ambientais foram utilizadas como elementos referenciais cruciais para determinar o trajeto com maior precisão. Ainda, tendo em vista a evolução da paisagem, bem como as consecutivas transformações urbanas, o esforço contou com o estudo dos topônimos e a análise histórica da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro.

c. Reconstituição das paisagens

A sistematização das características descritivas trazidas por Spix e Martius em seus relatos seguiu os princípios metodológicos trazidos por Cavalcanti (2018): o *Princípio da Síntese Natural*, *Princípio Hierárquico*, *Princípio Regional-Tipológico* e o *Princípio Temporal*. Diferentes elementos como formas de relevo, drenagem, vegetação, solos e uso da terra foram conjuntamente avaliados para cartografar e representar as fisionomias documentadas pelos naturalistas.

5. A CIDADE E OS ARREDORES DE SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, CAPITANIA/PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO (ATUAL CIDADE DO RIO DE JANEIRO – RJ), DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Na manhã do dia 15 de julho de 1817, após três meses de viagem na fragata *Áustria*, os naturalistas bávaros Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius pisam em solo carioca pela primeira vez (SPIX e MARTIUS, 1823, p.47). Ali permanecem até o dia 8 de dezembro, quando partiriam rumo à capitania de São Paulo pela rota de Santa Cruz (COSTA e DIENER, 2018, p.121). Durante esse período, Martius e Spix realizaram, dentre inúmeras atividades, diversas incursões pelas imediações da cidade com a finalidade de explorar, investigar, coletar e descrever esse novo mundo que se apresentava aos seus olhos. Dentre as andanças destes viajantes pelos arredores da cidade, destacamos aquelas que trazem relatos que descrevem a paisagem com o nível de detalhamento que permita a identificação da localidade em questão com boa precisão.

Podemos considerar, seguramente, o dia 15 de julho (data da chegada ao Rio de Janeiro) como sendo o início das atividades dos pesquisadores nessa província. A véspera dessa data, precisamente 14 de julho às 17h, é relatada como sendo o dia e a hora em que a fragata, na qual estavam embarcados, aporta na cidade (COSTA e DIENER, 2018, p.91), de

acordo com o *Relatório* II, despachado em 2 de agosto de 1817 ao rei bávaro Maximiliano José I e encaminhado pela coroa à Real Academia de Ciências da Baviera em 27 de outubro daquele mesmo ano (COSTA e DIENER, 2018, p.40). Após ficarem hospedados durante os primeiros dias no ‘*hotel italiano*’ – descrito por eles como “*até então, o único da capital do Brasil*” –, alugam uma pequena casa afastada do centro da cidade, em [na freguesia de] Santana (SPIX e MARTIUS, 1823, p.47).

O setor hoteleiro no Brasil, até então restrito apenas a estalagens e tavernas de proprietários portugueses, começa a se expandir no início do século XIX para atender a crescente demanda dos viajantes estrangeiros. Com a inauguração do Hotel Pharoux ainda em 1817, localizado junto ao cais do porto, no largo do Paço, a cidade passa a ter um dos estabelecimentos de maior prestígio entre os visitantes em busca de maiores comodidades (MARTINHO e FERREIRA, 2017, p.98). Embora a versão brasileira tenha traduzido “*italienischen [...] Gasthause*” como ‘*hotel italiano*’, é muito provável que os naturalistas tenham se hospedado em uma modesta estalagem, a única naquele contexto, administrada por um emigrante da península itálica.

O glamour trazido pelo luxuoso hotel de propriedade de Louis Pharoux, um francês bonapartista emigrado de Marselha por motivos políticos (COARACY, 1988. p.63), parece ter ofuscado a relevância das demais hospedarias pois, não fora encontrada qualquer menção sobre o tal ‘*hotel italiano*’ na bibliografia consultada. Por outro lado, a casa na qual Spix e Martius mencionam como local de sua estadia na cidade, em Santana, é bem documentada, podendo ser cartografada em detalhe.

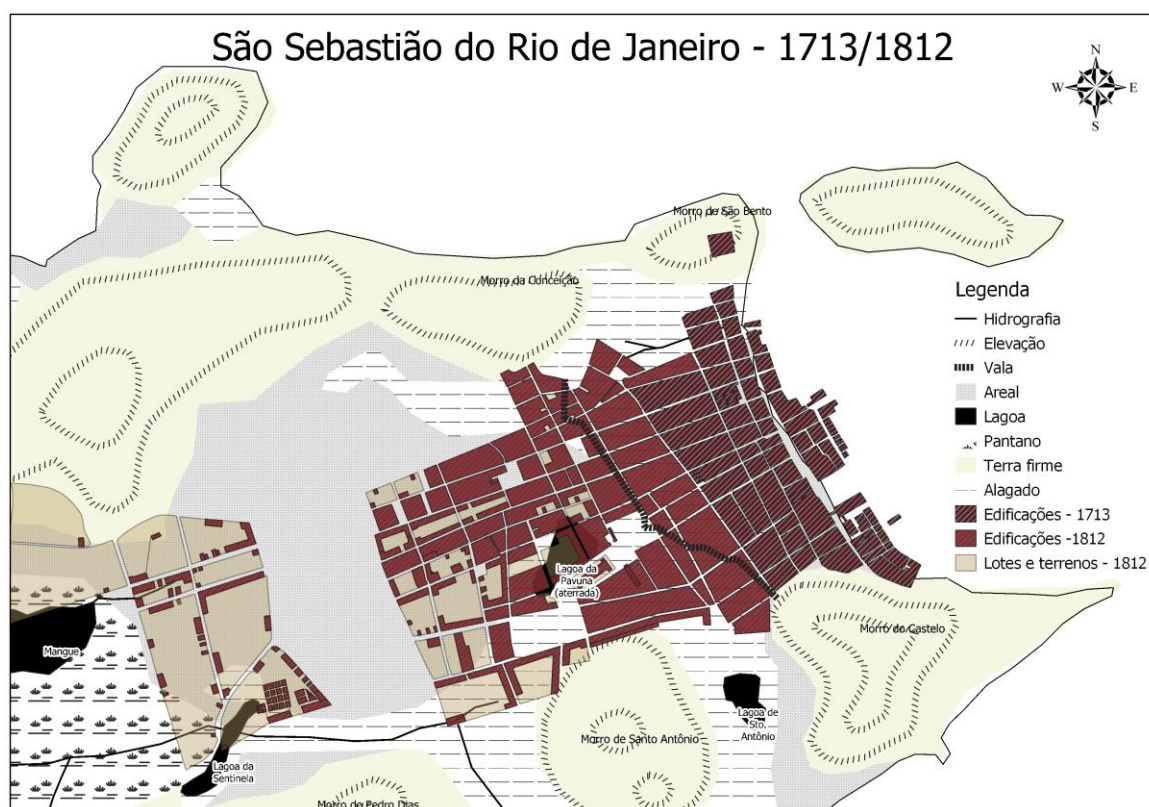
5.1 Freguesia de Santana do Campo / Cidade Nova

A paisagem natural na qual a cidade se instalava era constituída de um grande charco e havia lagoas e brejos por todos os lados. Por esta razão, a povoação ficara, inicialmente, confinada a um pequeno quadrilátero irregular cujos vértices eram os Morros do Castelo, São Bento, Santo Antônio e Conceição (CRULS, 1965, p.63).

Por mais de um século, a mancha urbana se limitou ao canal de escoamento das águas da Lagoa de Santo Antônio que, após ter sido canalizado, passou a ser chamado de “Vala” e determinou o traçado da rua Uruguaiana. Para além deste canal, se desdobrava um vasto descampado entremeado por charcos, brejos e alagados (COARACY, 1988. p.71). Essa planície alagadiça que compreendia toda a vasta área desde o mar às encostas do Morro do Desterro (Santa Teresa), estendendo-se até o Mangue, denominado ‘Campo da Cidade’, permaneceu assim, desabitado, até o final do século XVII (COARACY, 1988. p.72).

Com o crescimento da população, a cidade transpassa os limites da Vala, expandindo na direção Sul, pela Praia do Sapateiro (atual Praia do Flamengo) e pelo caminho do Catete, com as chácaras dos moradores se estendendo até as proximidades da Lagoa Rodrigo de Freitas. Enquanto isso, nos limites à oeste-sudoeste da franja urbana, o Campo se mantivera despovoado até a iniciativa de alguns moradores em solicitar que a Câmara lhes concedesse aforamentos para abertura de chácaras para trabalhar a terra e colocarem suas criações para pastar (**Mapa 1**). Outros, menos abastados, tendo em vista o valor depreciado do terreno pantanoso, solicitavam apenas pequenas cotas para edificação de suas moradias (COARACY, 1988. p.72).

Mapa 1 – Mapa conjectural da expansão da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro entre os anos de 1713 e 1812 e os principais elementos de sua paisagem natural.



Fonte: Elaborado com base em Cruls, G. 1965 (Tomo 1, p. lxxvi); Massé, J. 1713. Planta da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro com suas fortificações; Rio de Janeiro (RJ) e Planta da Cidade de São Sebastião de Rio de Janeiro levantada por ordem de sua alteza real, o Príncipe Regente Nosso Senhor, no ano de 1808.

No início do século XIX, a malha urbana do Rio de Janeiro iniciava seu avanço por entre os morros em direção oeste, transformando a paisagem rural das cercanias de Santana em um subúrbio em franca expansão. Até o final do século XVIII essas terras eram divididas

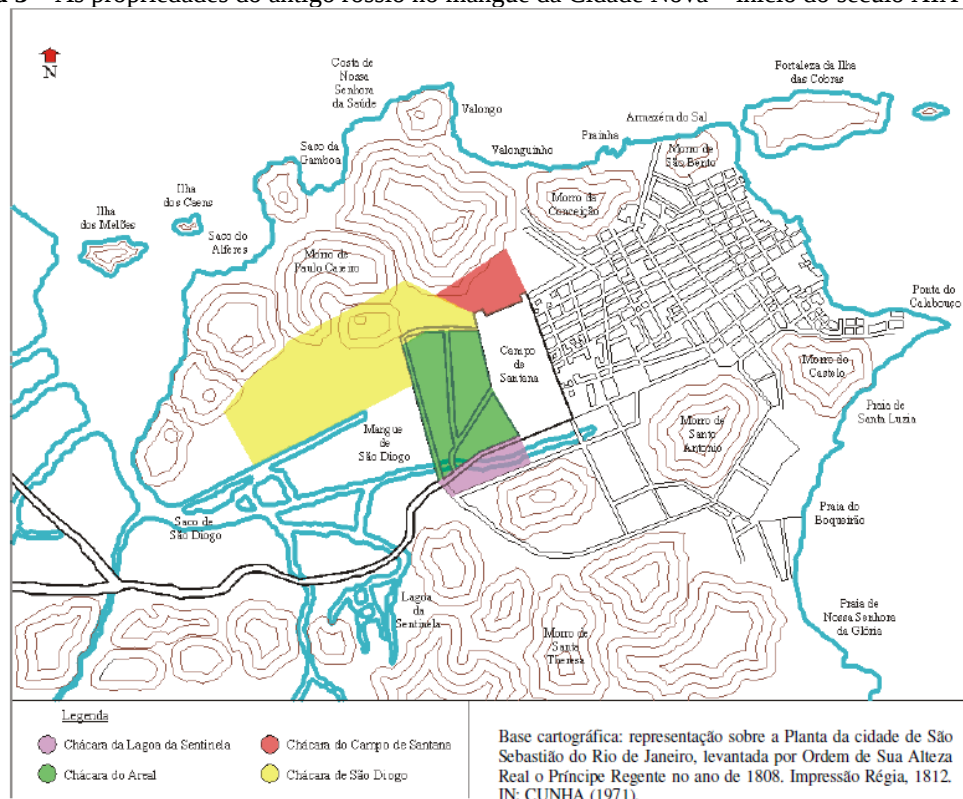
entre proprietários de Chácaras. Dentre elas, Pinto (2007, p.87) destaca a Chácara de Antônio da Rocha Machado, grande propriedade confinada entre a lagoa da Sentinela e os mangais de São Diogo (Aterrado de São Cristóvão) (**Figura 2 e Figura 3**). Essa grande propriedade precisou ser desmembrada para a abertura da rua do Aterrado, um prolongamento da rua São Pedro da Cidade Nova até a Ponte dos Marinheiros (atual Praça da Bandeira). A porção destas terras ao norte da rua do Aterrado, de acordo com a documentação disponível entre 1808 e 1820, pertenceram a Polucena Luiza de Britto que, em parte, tinham sua frente voltada para o Aterrado e os fundos, para a rua de São Diogo (PINTO, 2007, p.118) (**Figura 4**).

Figura 2 – Rio de Janeiro. Aterrado de São Cristóvão. Moreau, François-René, 1807-1860.



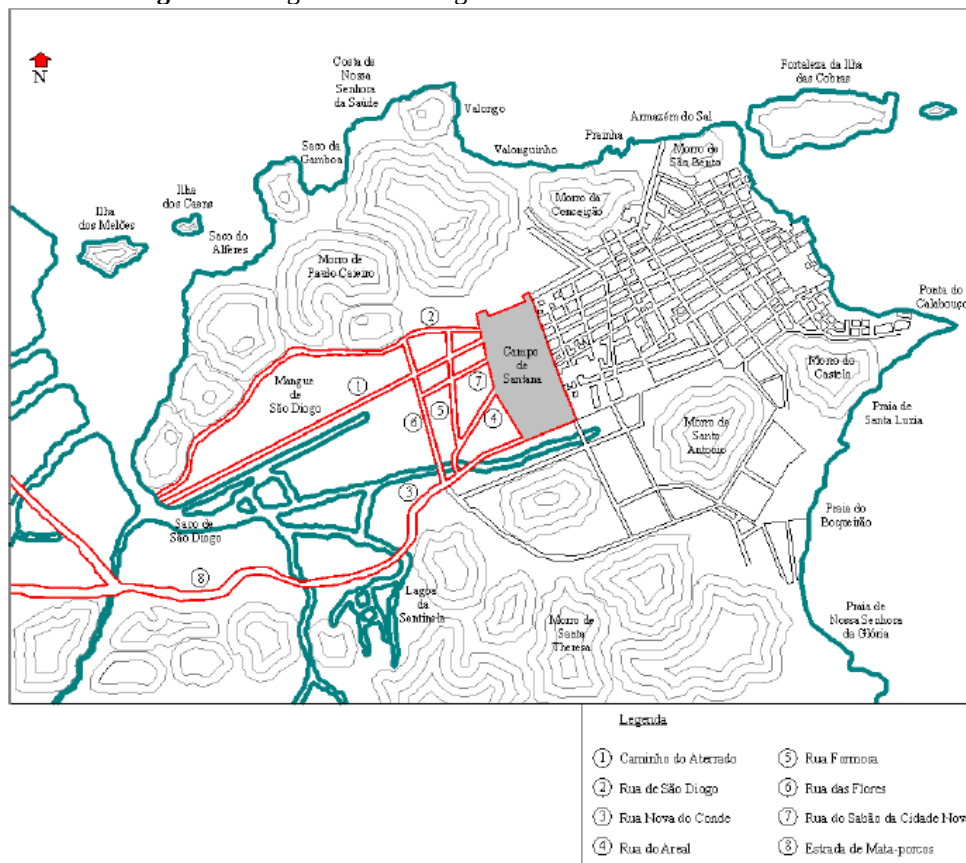
Fonte: Acervo da Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional – RJ.

Figura 3 – As propriedades do antigo rossio no mangue da Cidade Nova – início do século XIX s/escala.



Fonte: Pinto (2007)

Figura 4 – Logradouros na segunda década do século XIX s/escala.



Fonte: Pinto (2007)

A análise do trecho em que Spix e Martius descrevem o local escolhido para se abrigarem durante o período em que estiveram na cidade do Rio de Janeiro sugere que a casa se localizava nas encostas à norte das imediações dessa área desmembrada da antiga propriedade de Rocha Machado:

“[...] Passando por diversas ruas, direitas e retangulares, chegamos finalmente ao hotel italiano, então o único da capital do Brasil, onde achamos acolhimento nos primeiros dias. Ao cabo de alguns dias, alugamos uma pequena casa no arrabalde de Santana, que nos atraiu por sua posição elevada na encosta da colina e com vista sobre o promontório do Corcovado.” (SPIX e MARTIUS, 1823, p.47)

Sob o ato de criação de 13 de dezembro de 1814, a freguesia de Santana do Campo / Cidade Nova (ABREU, 1994, p.210), também conhecida como Pequena África ou Cidade Nova, estendia-se por grande parte da região do porto, pelas cercanias dos morros da Providência e da Praça Onze (SILVA, 2015, p.264). Nesse espaço, entrecortado por rios e lagoas, desembocava o Saco de São Diogo, que se comunicava com o litoral pela Bica dos Marinheiros (PINTO, 2007, p.120), área onde hoje se localiza a foz do rio Trapicheiros.

5.2 Incursões e coletas no alto curso da sub-bacia hidrográfica do rio Carioca

Ao longo do Capítulo II – *Passeios pelos arredores do Rio de Janeiro*, Spix e Martius discorrem, por cerca de cinco páginas, sobre uma área em particular que parece despertar o interesse dos pesquisadores:

“Só uma vez subimos ao topo desta alta montanha; mais vezes, porém, repetíamos as excursões ao aqueduto, cujas cercanias contêm o mais rico tesouro de plantas e animais. Sobre tudo nos empenhávamos (na zona quente, tudo que vive procura a água) em prosseguir o curso da fonte da Carioca.” (SPIX e MARTIUS, 1823, p. 99)

A ‘*alta montanha*’ à qual os autores se referem é o morro do Corcovado. Esse caminho, objeto de nossas análises, que compreende desde a saída dos arrabaldes de Santana até o morro do Corcovado, é descrito em detalhes por Martius e Spix. Caminhando em direção ao curso da fonte da Carioca, os naturalistas descrevem com grande fascínio a rica biodiversidade que preenchia aquela paisagem, evocando, em determinado ponto, até uma comparação ao próprio éden: “*parecia estarmos transportados ao Jardim das Hespérides*”.

Ao se aproximarem das estruturas de alvenaria (aqueduto), que realizam a captura da água proveniente do rio Carioca e a conduz para a cidade (**Figura 5**), mencionam o canto de pássaros estranhos, a presença de beija-flores coloridos e de insetos. Além da presença de diversas espécies de plantas como paulínias, securidacas, micânias, passifloras, céltis, réxias,

bauínias, murtas, eupatórias, crótos, aegiífilas, bômbax lanífero, cecrópias, pau-brasil, palmito-juçara e muitas outras.

Quando analisamos as informações registradas nos 81 vouchers botânicos depositados em nome de Martius, disponíveis nos herbários digitais da plataforma *Global Biodiversity Information Facility* - GBIF, podemos verificar a existência de coletas realizadas nas imediações do Corcovado datadas com os meses de julho (3 de um total de 22), agosto (1 de 14), setembro (7 de 26) e novembro (4 de 12). O mês de outubro é o período com menor número de vouchers (total de 7), sendo três deles coletados nas proximidades da mancha urbana da cidade do Rio de Janeiro e dois identificados como sendo da localidade de Porto da Estrela (ANEXO B).

Figura 5 – Detalhe do morro do Corcovado, do aqueduto da Carioca e da Caixa Grande (Mãe d'água).



Fonte: Planta dos terrenos compreendidos entre o aqueducto da Carioca e os encanamentos da Lagoinha e Silvestre e do Terreno das Paineiras até as vertentes q. olhao p. Rodrigo de Freitas. Levantada em 1846 p. o Capitão L. V. F. Drummond sob a direcção do Inspetor Geral das Obras Publicas o Ten. Cor. Miguel de Frias e Vasconcellos (acervo do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro).

Além da rica descrição paisagística, zoológica e botânica, essa localidade próxima ao aqueduto da Carioca, parecer ter sido profícua para a coleta de exemplares. Entre os meses de julho e novembro foram coletados 14 exemplares botânicos no corcovado e três ao longo do aqueduto. Dentre os espécimes coletados no Corcovado e preservados nos vouchers estão: *Passiflora kermesina*, *Aegiphila fluminensis*, *Myrsine guianensis*, *Rollinia parviflora*, *Annona parviflora*, *Guatteria pubens*, *Siparuna brasiliensis*, *Acalypha amblyodonta*, *Daphnopsis martii*, *Xylopia sericea*. Os vouchers apontados como tendo localização nas proximidades do aqueduto foram: *Cybistax antisiphilitica*, *Siparuna brasiliensis* e *Schwenckia divaricata* (Figura 6).

Figura 6 – Exemplar de *Aegiphila fluminensis* Vell. (Lamiaceae) coletada por Martius em julho de 1817.

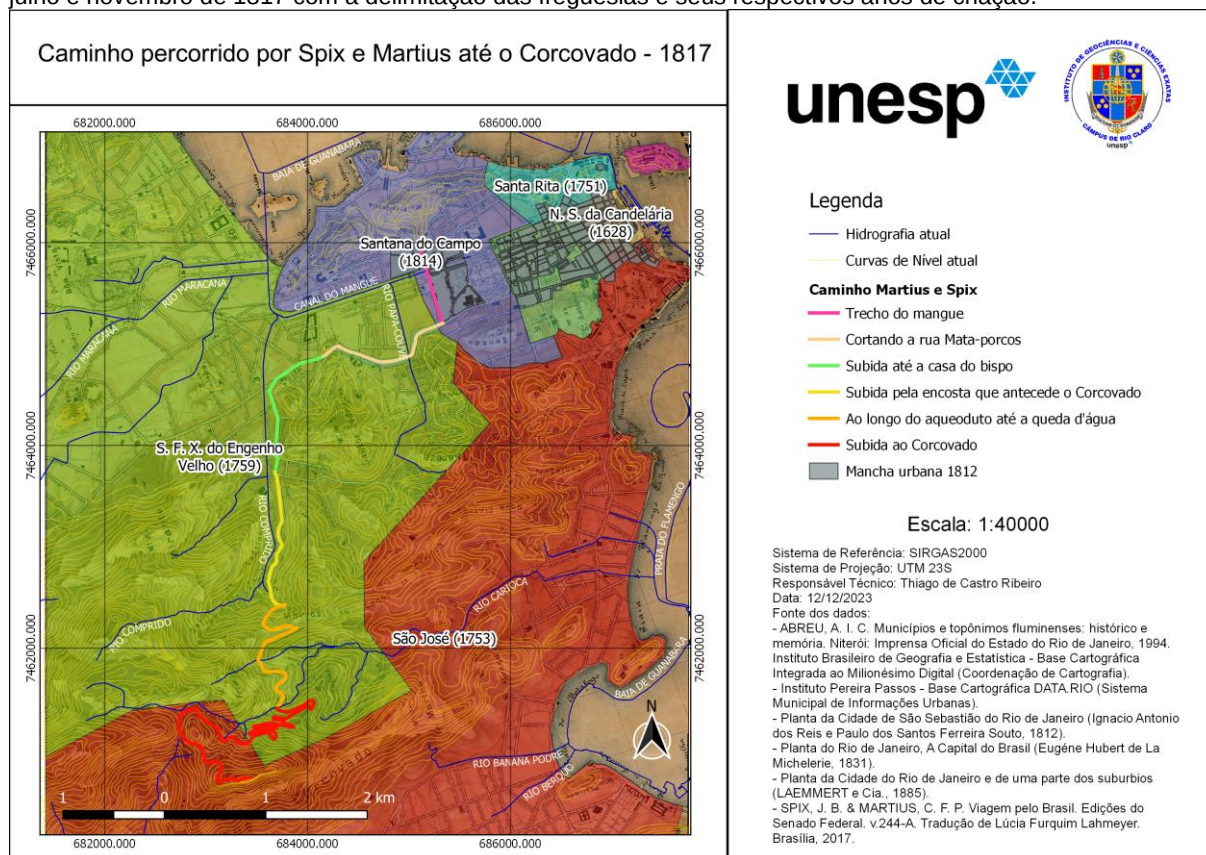


Fonte: Depositado na coleção de plantas vasculares do Botanical State Collection Munich (BSM). (Cod. M-0111552 / 32737 / 23529)

5.3 Reconstituição da paisagem do caminho até o Corcovado

As descrições físico-geográficas trazidas no Capítulo II – *Passeios pelos arredores do Rio de Janeiro*, Spix e Martius foram organizadas em trechos, com as subdivisões do caminho percorrido pelos pesquisadores. As informações sobre localização relatadas pelos naturalistas foram georreferenciadas com base em materiais cartográficos históricos relacionados ao período de estudo e sintetizadas no mapa 2.

Mapa 2 – Reconstituição cartográfica do caminho ao Corcovado percorrido por Spix e Martius entre os meses de julho e novembro de 1817 com a delimitação das freguesias e seus respectivos anos de criação.

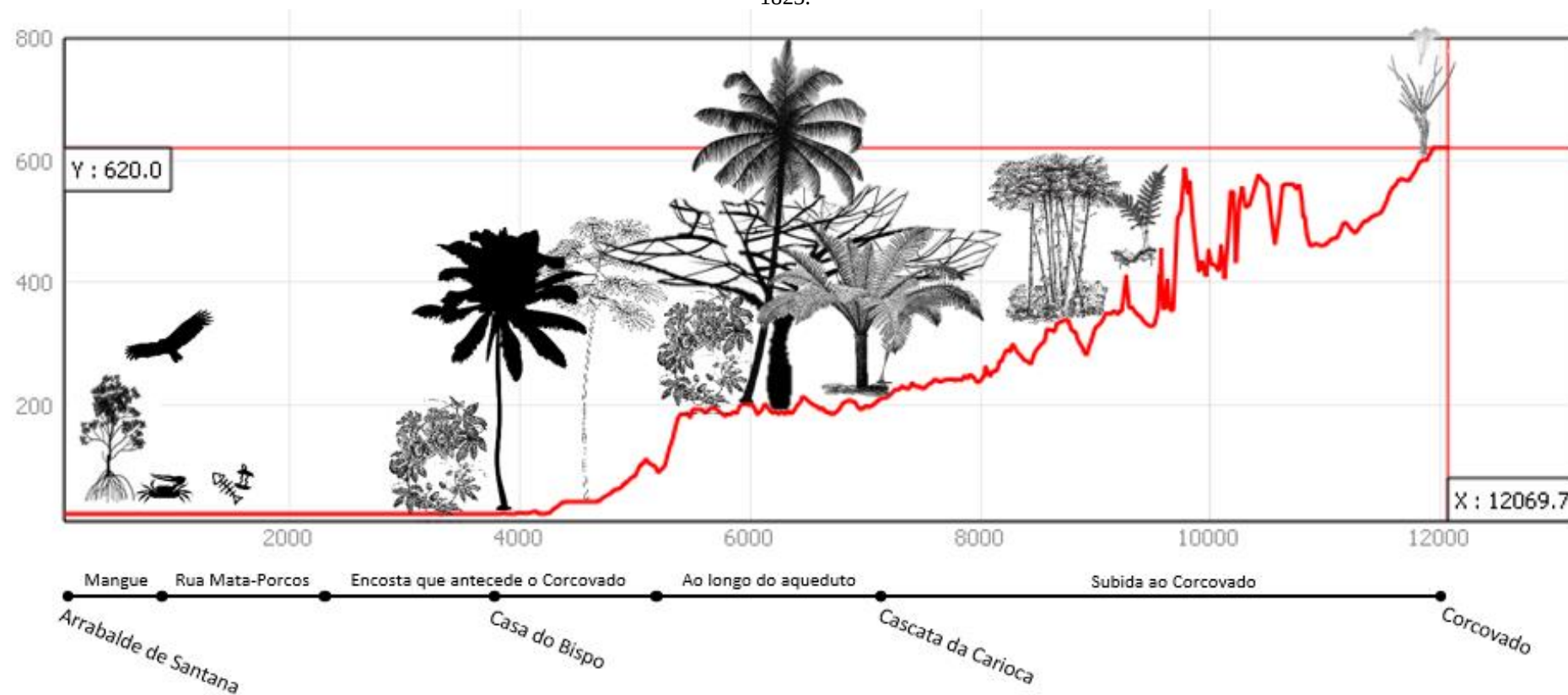


Fonte: elaborado pelo autor.

As descrições da paisagem e a identificação das espécies descritas nos permitiram subdivir esse caminho em seis trechos com distintas características ambientais entre si: (1) o mangue, (2) a rua Mata-Porcos, (3) a encosta que antecede o Corcovado, (4) o aqueduto, (5) a Cascata Carioca e (6) o Corcovado (**ANEXO C**). As descrições de cada trecho, organizadas nessa tabela, foram sintetizadas e incluídas no perfil de elevação topográfico produzido a partir do georreferenciamento do caminho, caracterizando as variações paisagísticas ao longo do gradiente do relevo (**Figura 7**).

No início do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro demonstrava um forte vetor de expansão na direção OSO. Se iniciavam as obras de aterramento do mangue de São Diogo

Figura 7 – Seção-tipo do caminho ao Corcovado percorrido por Spix e Martius em 1817. Reconstituição produzida a partir dos relatos presentes em “Viagem pelo Brasil, 1823.



Fonte: Elaborado pelo autor

que, naquele momento, se apresentava como uma planície pantanosa entremeada pelas águas e o lodo do mar. Havia ali, nas imediações das atuais ruas Santana e Frei Caneca, espécies típicas de mangue como a sereíba (*Avicennia tomentosa*) e mague-vermelho (*Rhizophora mangle*), mas também o alecrim-de-são-josé (*Portulaca pilosa*) e *Pharnaceum* [= *Mollungo*] *cerviana*, um gênero com distribuição nativa do Zimbábue à África do Sul (KEW – *Plants of the World Online*), em suas margens arenosas. No entanto, o que chama mais a atenção dos viajantes no trecho do entorno do mangue é a presença de lixo e animais mortos, exibindo uma paisagem de aspecto asqueroso que exalava odores insalubres.

Esse rossio, depois subúrbio elevado à Freguesia [*de Santana do Campo*], que integrava parte de grandes propriedades rurais fora loteado e passara a ser procurado pela parcela da população menos abastada, tendo em vista o valor depreciado do terreno pantanoso. Pouco menos de quatro quilômetros de caminhada à sudoeste desse local, no entanto, era suficiente para se distanciar dos sons produzidos pela movimentação dos cidadãos e se encontrar em meio a paisagem predominantemente natural.

Nesse ponto, na altura da bifurcação da rua Mata-porcos (atual rua Estacio de Sá) que ligava a cidade à freguesia de São Francisco Xavier do Engenho Velho e demais localidades do interior através da rua Haddock Lobo e da rua de São Cristovão (atual rua Joaquim Palhares), se destacava a presença de vegetação florestal estratificada composta por espécies de porte arbóreo como cássias, cecrópias e macaúbas e arbustos como as murtas de folhagem densa, as moitas emaranhadas de paulínias, os ramos floridos dos maracujazeiros e securidacas. Ainda, preenchendo essa paisagem, era registrada a presença de pequenos pássaros e borboletas, além de vespeiros e cupinzeiros apoiados nas árvores.

A partir do início da subida até a casa do bispo, os relatos passam a apresentar um incremento na biodiversidade, tendo seu auge junto ao aqueduto, próximo à Caixa Grande (Mãe d'água). Apesar da presença punjante da paisagem natural descrita por Martius e Spix para essa área, as encostas do entorno já sofriam com o desmatamento, substituindo progressivamente a vegetação natural por fazendas produtoras de café, como as do Dr. Lesesne (p. 83).

Se, inicialmente, a produção cafeeira foi responsável pelo empobrecimento e degradação do solo, dos recusos hídricos e florestais, a subsequente ocupação através da expansão urbana consolidou a paisagem urbana sobre a natural. Hoje, o “*Jardim das Hespérides*” se encontra nos limites da franja urbana e do Parque Nacional da Tijuca, sufocado por ocupações irregulares (**imagem 1**).

Imagem 1 – Fotografias da área do entorno do Reservatório do Carioca (superior esquerda). Caixa da Mãe D'água (superior direita). Detalhe da saída do duto que conduz as águas do rio Carioca por baixo da rua Almirante Alexandrino (inferior esquerda). Escadaria da cachoeira Piscininha do Silvestre (inferior central). Ocupações irregulares às margens da rua Alm. Alexandrino, junto à escadaria (inferior direita).



Fonte: registrado pelo autor em 22 de julho de 2023.

Seguindo adiante, após ultrapassarem os 200 metros de elevação, os pesquisadores descrevem uma transição gradual na fisionomia da vegetação. A medida em que sobem, relatam a redução no número de espécies lenhosas, sendo substituídas por bambus e samambaias até alçarem o cume, onde a presença de arbustos esparços se assemelha à vegetação dos campos rupestres mineiros. Ali, Martius e Spix mencionam a presença da *Polypodium* = [*Cyathea*] *corcovadense*, uma samambaia endêmica do Brasil e típica da Mata Atlântica que se desenvolve também sobre afloramentos rochosos. Também citam a presença da *Vellozia candida* Mik., pertencente ao grupo popularmente conhecido como canela-de-ema, com ampla distribuição no Brasil (Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica) e comumente encontrada em campos de altitude, campos rupestres e afloramentos rochosos.

Esses relatos nos permitiram acessar a informação da posição de elementos da paisagem pretérita persistentes como a casa do bispo e o aqueduto, determinantes para o georreferenciamento. No entanto, também se demonstraram como chave para prospectar

elementos apagados pelo tempo como o mange de São Diogo, soterrado e substituído pela paisagem urbana.

No *Relatório 3*, com data de 7 de setembro de 1817, Martius e Spix destacam, na semana anterior, uma visita à fazenda do senhor Von Langsdorff, uma propriedade localizada ao pé da Serra dos Órgãos, na estrada que vai em direção a Minas Gerais. Relatam também, um percurso de oito dias que seria realizado na semana seguinte, junto com o senhor Langsdorff, pelas ilhas da baía do Rio de Janeiro.

Esses eventos são marcantes, uma vez que ilustram a ausência de incursões à fonte da Carioca durante esses períodos. Ainda, a ausência de menções a esse caminho, seja nos relatos que se sucedem ou nos *Relatórios* remetidos do Rio de Janeiro, sugere que, desde então, os naturalistas passaram a empreender expedições para outras localidades mais distantes da cidade como a Tijuca, passando pela Quinta Real de São Cristovão até a Gávea (p.100-101).

O *Relatório 4*, com data de 30 de novembro de 1817, reforça essa interpretação:

“Desde então [do envio do Relatório 3], como durante a nossa estada aqui, de forma geral, temos nos empenhado em conhecer a região dos arredores do Rio de Janeiro, através de numerosas excursões a [Fazenda da] Mandioca, Sumidouro, Santa Cruz (a 15 léguas da cidade).” (COSTA e DIENER, 2018, p.120)

Martius e Spix permaneceriam no Rio de Janeiro até o dia 8 de dezembro daquele ano, quando partiriam rumo à São Paulo pela rota de Santa Cruz, com uma breve parada no porto de Santos para a coleta de animais marinhos e plantas locais (COSTA e DIENER, 2018, p.121)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a passagem de Martius e Spix pela cidade do Rio de Janeiro, a mancha urbana se expandiu. Esse crescimento, de mais de cem metros por década (um quilômetro/século) em média, seguiu em direção as encostas da Serra da Carioca, chegando nos limites do Parque Nacional da Tijuca, junto à Cascata da Carioca. Graças aos seus relatos, podemos acessar essa paisagem soterrada pelas sucessivas ondas de expansão e reconfiguração do espaço urbano. Essa reconstituição, no entanto, não seria possível sem que uma infundável análise de documentos complementares fosse incluída à narrativa dos naturalistas.

Através da análise da produção literária oferecida pelas narrativas de viagem de naturalistas viajantes, a proposta trazida por esse trabalho se mostrou promissora, enquanto método, para novas abordagens em estudos de paisagem. Todavia, para obter resultados mais acurados, seja no aspecto temporal ou espacial, estes relatos devem ser cruzados com uma base documental diversa e robusta.

A análise da paisagem histórica da cidade do Rio de Janeiro do século XIX, através do olhar de Martius e Spix, não se encerra em si. Novos esforços podem se somar a esta iniciativa, ampliando o escopo para abordar outras áreas de estudo, bem como outros períodos. Essa discreta produção abre possibilidades para que seus resultados sejam utilizados para melhorar a precisão de localização das etiquetas dos *vouchers* depositados em coleções biológicas, tendo aplicação em estudos de conservação e recuperação ambiental, criação de roteiros eco-turísticos, além de servir de subsídios para a educação ambiental e do resgate da Paisagem Cultural como Patrimônio.

Por fim, o ato de rememorar as paisagens históricas da cidade do Rio de Janeiro, ou de qualquer outra localidade, deve partir da análise de figuras notórias como a dos estudiosos viajantes estrangeiros que para lá foram catalogar, sistematizar, embalar e exportar nossa biodiversidade em forma de coleção e conhecimento científico para o mundo. No entanto, a geografia histórica das paisagens brasileiras precisa ser feita para além da sua leitura e literatura produzida por estrangeiros. Existe um leque diverso de pessoas notáveis que poderiam ser alvo de pesquisas mais minuciosas com o fito de revelar paisagens pretéritas. Mulheres viajantes como Maria Graham (1785-1842), Jemima Kindersley (1741-1809) e Rose Freycinet (1794-1832) e brasileiros como o frei José Mariano da Conceição Velloso (1732-1811) se somariam na reconstrução plural destas paisagens. No mais, há ainda, um inesgotável conhecimento transmitido pela tradição oral de diversas culturas indígenas nativas desta terra a nos ser apresentado.

7. REFERÊNCIAS

- ABREU, A. I. C.** Municípios e topônimos fluminenses: histórico e memória. Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1994.
- ABREU, M. de A.** Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portucíria, século XVII. GEOUSP, Espaço e Tempo, Departamento de Geografia. USP, SP, 13 – 25, 2000.
- AMORIM FILHO, O. B.** A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. Sociedade & Natureza, v. 11, n. 21/22, p. 67-87, 2014.
- ANTUNES, F. S. e FERNANDES, M. C.** Análise geográfica e cartografia histórica: subsídios para entender a organização espacial da área gênese de Petrópolis (RJ). Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 24, n. 1, p. 117-135, abr. 2020, ISSN 2179-0892.
- BARROS, J. D.** História, Espaço, Geografia: diálogos interdisciplinares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BLOCH, M. L. B.** Apologia da História, ou, O Ofício de Historiador; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRUNET, R.** (Org.) Les Mots de la Géographie, Dictionnaire Critique. Paris/Montpellier: La documentation Française/Reclu, 1992.
- BURKE, P.** A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos *Annales* 1929-1989; tradução Nilo Odália. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CAIRE-JABINET, M.** Introdução à Historiografia; tradução Laureano Pelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- CARVALHO, S. M., CAVICCHIOLI, M. A. B., CUNHA, F. C. A. da.** Paisagem: Evolução conceitual, métodos de abordagem e categoria de análise da geografia. Formação (Online), 2(9). 2012. <https://doi.org/10.33081/formacao.v2i9.1020>
- CAVALCANTI, L. C. S.** Cartografia de paisagens: fundamentos. São Paulo, 2018.
- CLAVAL, P.** A Paisagem dos geógrafos. CORRA, R. L.; ROSENDAHL, Z (org.). Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- CLAVAL, P.** A geografia cultural. Ed. UFSC, Florianópolis, 2007.
- CONTI, J. B.** Geografia e Paisagem. Ciência e Natura, Santa Maria, v.36, ed. especial, p.239-245, 2014.
- COSTA, M. F. e DIENER, P.** (Orgs.) Spix e Martius: Relatórios ao Rei. Editora Capivara, Rio de Janeiro, 2018.

CUNHA, P. C. R. R. M. Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagens. Dossiê Literatura de Viagens. Revista Caracol. n.3, 2012.

ERTHAL, R. Geografia Histórica - Considerações. GEOgraphia, 5(9), 2009.

FETZ, M. A viagem como descoberta científica: história natural e cultura de precisão. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p. 39-53, 2019.

FRANÇA, J. M. C. A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808). Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.

HAESBAERT, R. PEREIRA, S. N., RIBEIRO, G. Vidal, Vidais: Textos de Geografia Humana, Regional e Política. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2012.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: Uma revisão. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, p. 137-147, 2013.

KNOWLES, A. K. Emerging trends in historical GIS. Historical Geography v.33: p.7-13, 2005.

LOPEZ, L. R. História do Brasil Colonial. 5ªed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

LOURENÇO, L. A. B. Geografia Histórica: considerações teórico-metodológicas. In: A oeste das minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista Triângulo Mineiro (1750-1861) [online]. Uberlândia: EDUFU, 2005, pp. 27-40. ISBN 978-85-7078-516-9.

MARTINHO, H. M. G. e FERREIRA, R. M. Visão sobre o patrimônio edificado hoteleiro: a importância do saber histórico e ambiental. Revista Direito Mackenzie. v.11, n.1, pp.92-108. <http://dx.doi.org/10.5935/2317-2622/direitomackenzie.v11n1p92-108>

MIRANDA, M. Á. El Cosmos: entre la crisis de la ilustración y el romanticismo alemán. In: Geocrítica, cuadernos críticos de geografía humana, Universidad de Barcelona, Año II, Número 11, septiembre de 1977, p. 5-15. ISSN: 0210-0754.

NAME, L. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. GeoTextos, v.6, n.2, pp.163-186. 2010.

NEVES, C. E. e SALINAS, E. A paisagem na Geografia Física Integrada: impressões iniciais sobre sua pesquisa no Brasil entre 2006 e 2016. Revista do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Volume Especial – eixo 6, 2017, pp.124-137. <https://doi.org/10.11606/rdg.v0ispe.132757>

OLIVEIRA, L. Percepção o meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, paisagem e do lugar. (orgs.) Eduardo Marandola Jr. e Tiago Vieira Cavalcante. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

KNIGHT, M. M. Review: The Geohistory of Fernand Braudel. Reviewed Work: La Méditerranée et le monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II. The Journal of Economic

History. v.10, n.2, pp.212-216. Cambridge University Press on behalf of the Economic History Association, 1950.

PAPAVERO, N. e TEIXEIRA, D. M. Os viajantes e a biogeografia: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.VIII (suplemento), p.1015-1037, 2001.

PEDRAS, L. C. V. A paisagem em Alexander von Humboldt: o modo descritivo dos quadros da natureza. Revista USP, n.46, p.97-114, São Paulo, 2000.

PINTO, F. M. A invenção da Cidade Nova do Rio de Janeiro: agentes, personagens e planos. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro, 2007.

RATZEL, F. “Geografia do Homem”. (Antropogeografia). In: MORAES, Antonio Carlos Robert. (Org.). Ratzel. São Paulo: Ática, 1990, p.32-107.

RIBEIRO, G. A arte de conjugar tempo e espaço: Fernand Braudel, a geo-história e a longa duração. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.22, n.2, pp.605-639. 2015.

RODRIGUEZ, J. M. M., SILVA, E. V., CAVALCANTI, A. P. B. Geoecologia das Paisagens: Uma visão geossistêmica da análise ambiental. Edições UFC, 2017.

SAMARA, E. M. et al. História & Documento e metodologia de pesquisa. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SANTOS, M. Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica 6ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1925], p. 12-74.

SCHEMES, E. F. A literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. XXVIII Simpósio Nacional de História – Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, 2015.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. Revista Ra’ega, n.7, p.79-85, Editora UFPR, Curitiba, 2003.

SILVA, F. C. T. História das Paisagens. In: Domínios da História: Ensaios da Teoria e Metodologia. 5ed. (orgs.) Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SILVA, L. Freguesia de Santana na cidade do Rio de Janeiro: Territórios e etnia no último quartel do século XIX. Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos Sobre a Cidade. Dossiê História Urbana: a configuração de um campo conceitual. n.7, n.10, 2015.

SPIX, J. B. e MARTIUS, C. F. P. Viagem pelo Brasil. Edições do Senado Federal. v.244-A. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília, 2017.

SPIX, J. B. e MARTIUS, C. F. P. Reise in Brasilien: auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. Königs von Baiern in den Jahren 1817 bis 1820 gemacht und beschrieben. München, 1823.

TROPPEMAIR, H. Biogeografia e Meio Ambiente. 9 ed. Rio de Janeiro: technical Books, 2012.

VECCHIO, D. Travel literature as a narrative refiguration of colonial overseas records. Itinerários, Araraquara, n. 52, p. 95-113, 2021.

VIEIRA, F. S. et al. A história da geografia cultural e o conceito e paisagem. Caderno de Geografia, v.31 (2), p. 30-51, 2021.

WULF, A. A invenção da natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt; tradução Renato Marques. 2 ed. São Paulo: Planeta Brasil, 2019.

ANEXO A. Levantamento bibliográfico de obras literárias sobre narrativas de viagem no território brasileiro.

Nome	Nacionalidade	Século da visita	Período de estadia no Brasil	Localidades visitadas	Título do trabalho	Ano de publicação
Charles-Marie de La Condamine	francês	XVIII	09/1743 - 08/1744	Amazonas	Relação abreviada de uma viagem feita no interior da América Meridional, desde a costa do mar do Sul, até às costas do Brasil e da Guiana, descendo a margem do Amazonas, Memórias da Académie Royale des Sciences	1778
Daniel Solander	sueco	XVIII	07/12/1768-09/12/1768	Rio de Janeiro	O Diário Endeavor de Sir Joseph Banks	1896
Georg Heinrich von Langsdorff	alemão	XIX	1813-05/1830	Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Amazônia	Os diários de Langsdorff (1824-1828)	1875/1876
George Marcgraf	holandês	XVII	1638-1643	Recife	História natural do Brasil	1648
James Forbes	inglês	XVIII	06/1765-10/1765	Rio de Janeiro	Manuscritos sobre o Brasil	1765
Joseph Banks	inglês	XVIII	07/12/1768-09/12/1768	Rio de Janeiro	O Diário no Endeavor de Sir Joseph Banks	1896
Joseph Dombey	francês	XVIII	1784	Rio de Janeiro	Médico naturalista, arqueólogo, explorador de Peru, Chile e Brasil (1778-1785)	1905
Sydney Parkinson	alemão	XVIII	07/12/1768-09/12/1768	Rio de Janeiro	Um diário de uma viagem aos mares do sul, no navio de sua majestade, o Endeavour	1773
Willem Piso	holandês	XVII	1638-1643	Recife	História natural do Brasil	1648
Auguste de Saint-Hilaire	francês	XIX	1816 - 1822	Rio de Janeiro, Minas Gerais	Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais (1816-1817)	1830
Auguste de Saint-Hilaire	francês	XIX	1816 - 1822	Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul	Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)	1887

ANEXO A. Levantamento bibliográfico de obras literárias sobre narrativas de viagem no território brasileiro. (*Continuação*)

Nome	Nacionalidade	Século da visita	Período de estadia no Brasil	Localidades visitadas	Título do trabalho	Ano de publicação
Auguste de Saint-Hilaire	francês	XIX	1816 - 1822	Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul	Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil (1817-1820)	1833
Auguste de Saint-Hilaire	francês	XIX	1816 - 1822	Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul	Viagem às nascentes do Rio São Francisco (1819)	1847-1848
Auguste de Saint-Hilaire	francês	XIX	1816 - 1822	Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul	Viagem pelas províncias de São Paulo e Santa Catarina (1820)	1851
Alfred Russel Wallace	galês/inglês	XIX	26/05/1848 - 12/07/1852	Pará, Tocantins, Amazonas	Viagem pelo Amazonas e Rio Negro	1889
Henry Walter Bates	inglês	XIX	28/05/1848 - 02/06/1859	Pará, Tocantins, Amazonas	The naturalist on the river Amazons	1863
Charles Darwin	inglês	XIX	20/02/1832 - 05/07/1832	Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro	A viagem do Beagle: A viagem de um naturalista ao redor do mundo	1839
Johann Baptist Spix	alemão	XIX	02/08/1817 - 06/10/1820	Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Pará	Viagem pelo Brasil	1823
Carl Friedrich Philipp Martius	alemão	XIX	02/08/1817 - 06/10/1820	Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Pará	Viagem pelo Brasil	1823

ANEXO B. Registros de ocorrência de espécimes botânicos coletados por Carl von Martius e depositados em herbários agregados ao GBIF.

	Nome Científico	Família	Mês/Ano da coleta	Banco de dados	Código	Localidade
1	<i>Cuscuta racemosa</i> C.Mart.	Convolvulaceae	07/1817	Tropicos MO Specimen Data	2221992	In herbis [secuy] viam publicam a Porto d'[Esp] la ad Mandiociam.
2	<i>Lundia cordata</i> (Vell.) DC.	Bignoniaceae	07/1817	Tropicos Specimens Non-MO	1111161	Sebastinnopolis ad Mandiocca.
3	<i>Lundia cordata</i> (Vell.) DC.	Bignoniaceae	07/1817	Tropicos Specimens Non-MO	1016279	Sebastinnopolis ad Mandiocca.
4	<i>Cuscuta racemosa</i> C.Mart.	Convolvulaceae	07/1817	MO herbarium - Missouri Botanical Garden - Amostras Brasileiras Repatriadas - Herbário Virtual REFLORA	MO694258	In herbis [secuy] viam publicam a Porto d'[Esp] la ad Mandiociam.
5	<i>Lundia longa</i> (Vell.) DC.	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086458 / 600493 / 270313	Crescit in Brasiliae prov: Sebastianopol. prope Mandiocca
6	<i>Malachra heptaphylla</i> Fisch.	Malvaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0211386 / 625156 / 282664	prov. Sebast. ad horto Botanic.
7	<i>Tanaecium selloi</i> (Spreng.) L.G.Lohmann	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0175826 / 600598 / 270418	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolitanae in sepibus.
8	<i>Adenocalymma comosum</i> (Cham.) DC.	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086334 / 600367 / 270187	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopol. in sepibus, locis sylv. montanis.
9	<i>Adenocalymma comosum</i> (Cham.) DC.	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086335 / 600368 / 270188	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopol. in sepibus, locis sylv. montanis.

ANEXO B. Registros de ocorrência de espécimes botânicos coletados por Carl von Martius e depositados em herbários agregados ao GBIF. (*continuação*)

	Nome Científico	Família	Mês/Ano da coleta	Banco de dados	Código	Localidade
10	<i>Lundia longa</i> (Vell.) DC.	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086459 / 600494 / 270314	Crescit in Brasiliae prov: Sebastianopolit. prope Mandiocca
11	<i>Lundia longa</i> (Vell.) DC.	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0185591 / 600666 / 270486	Crescit in Brasiliae prov: Sebastianopolit. in M. Serra dos Orgãos
12	<i>Alternanthera maritima</i> (Mart.) A.St.-Hil.	Amaranthaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0241627 / 736227 / 382258	In arenosis maritimis prope Goa et alibi in vicin. Sebastianop. Provinciae Rio de Jo.
13	<i>Lundia longa</i> (Vell.) DC.	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0185590 / 600665 / 270485	Crescit in Brasiliae prov: Sebast. in sylvis
14	<i>Passiflora kermesina</i> Link & Otto	Passifloraceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0032559 / 477233 / 191830	Habitat in umbros. sylv. M. Corcovado; Provinciae R. d. J.
15	<i>Aegiphila fluminensis</i> Vell.	Lamiaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0111552 / 32737 / 23529	Habitat in M. Corcovado prope Sebastianopolis. Provinciae Rio de Jo.
16	<i>Guatteria pubens</i> (Mart.) R.E.Fr.	Annonaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0111009 / 32194 / 22988	Ad rivulum prope praed. Mandiocam in prov. Brasil. Sebastianopolitana.
17	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0088957 / 600555 / 270375	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianop. in sylvis caeduis et aboriginibus

ANEXO B. Registros de ocorrência de espécimes botânicos coletados por Carl von Martius e depositados em herbários agregados ao GBIF. (*continuação*)

	Nome Científico	Família	Mês/Ano da coleta	Banco de dados	Código	Localidade
18	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0088956 / 600554 / 270374	Habitat in sylvis primaevae et caeduis prope Sebastianopolis; Provinciae ejusd. nominis
19	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0088954 / 600552 / 270372	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolitanae ad urbem, in sepibus
20	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.O.Grose	Bignoniaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0088958 / 600556 / 270376	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianop. ad aedes cl. Langsdorff
21	<i>Aegiphila fluminensis</i> Vell.	Lamiaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0111556 / 32741 / 23533	in silva ad plantationem ad Chamberlain in M. Corcovado
22	<i>Gomphrena vaga</i> Mart.	Amaranthaceae	07/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0241808 / 720612 / 369772	In sepibus locis aridis montos. Inter virgulta ad rivulum, prope Sebastianopol. Provinciae Rio de Jan. freq.
23	<i>Cordia elliptica</i> (Cham.) Kuntze	Rubiaceae	08/1817	Tropicos MO Specimen Data	100354100	[No data on label; protologue of <i>Alibertia elliptica</i> gives collection locality as Cachoeira do Campo and date as August]
24	<i>Asplenium repandulum</i> Kunze	Aspleniaceae	08/1817	Tropicos Specimens Non-MO	24809	Serra d'Estrella.

ANEXO B. Registros de ocorrência de espécimes botânicos coletados por Carl von Martius e depositados em herbários agregados ao GBIF. (*continuação*)

	Nome Científico	Família	Mês/Ano da coleta	Banco de dados	Código	Localidade
25	<i>Borreria tenera</i> DC.	Rubiaceae	08/1817	The New York Botanical Garden Herbarium (NY)	4547	Ad Caballos.
26	<i>Spermacoce verticillata</i> L.	Rubiaceae	08/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0187017 / 621599 / 279183	Prov. Sebastianopolitanae locis aridis.
27	<i>Cordia elliptica</i> (Cham.) Kuntze	Rubiaceae	08/1817	MO herbarium - Missouri Botanical Garden - Amostras Brasileiras Repatriadas - Herbário Virtual REFLORA	MO1564925	[No data on label; protologue of <i>Alibertia elliptica</i> gives collection locality as Cachoeira do Campo and date as August]
28	<i>Oxalis mandioccana</i> Raddi	Oxalidaceae	08/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0172307 / 539475 / 222086	Habitat in subhumidis sylvaticis prope Mandioccam; Provinciae Sebastianopol.
29	<i>Adenocalymma comosum</i> (Cham.) DC.	Bignoniaceae	08/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086336 / 600369 / 270189	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianop. in sylvis ad praedium Mandioca.
30	<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	Primulaceae	08/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0165019 / 555733 / 234685	Habitat in adscensu M. Corcovado ad Sebastianopolin; Provinciae Rio de Janeiro
31	<i>Odontadenia lutea</i> (Vell.) Markgr.	Apocynaceae	08/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0183578 / 587618 / 258324	in sepibus subudis ad Porto d` Estrella. Provinciae Rio de Janeiro.
32	<i>Tabebuia cassinoides</i> (Lam.) DC.	Bignoniaceae	08/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0088975 / 600573 / 270393	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolit. prope Botafogo

ANEXO B. Registros de ocorrência de espécimes botânicos coletados por Carl von Martius e depositados em herbários agregados ao GBIF. (*continuação*)

	Nome Científico	Família	Mês/Ano da coleta	Banco de dados	Código	Localidade
33	<i>Annona parviflora</i> (A.St.-Hil.) H.Rainer	Annonaceae	08/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0240209 / 730207 / 377032	In silvis ad Sebastianopolin Brasiliae.
34	<i>Adenocalymma comosum</i> (Cham.) DC.	Bignoniaceae	08/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086337 / 600370 / 270190	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolis ad praedium Mandioca.
35	<i>Cydistax antisiphilitica</i> (Mart.) Mart.	Bignoniaceae	08/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086424 / 600459 / 270279	Habitat in sylvis ad Aquaeduct. prope Sebastianopolis et alibi. Provinciae Rio de Janeiro.
36	<i>Tabebuia cassinoides</i> (Lam.) DC.	Bignoniaceae	08/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0088974 / 600572 / 270392	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianop. prope Botafogo
37	<i>Rollinia parviflora</i> A.St.-Hil.	Annonaceae	09/1817	B. herbarium – B. Garten und B. Museum Berlin-Dahlem Herbarium - Herbário Virtual REFLORA	B 10 0243122	Corcovado.
38	<i>Rollinia parviflora</i> A.St.-Hil.	Annonaceae	09/1817	Herbarium Berolinense, Berlin (B)	B 10 0243122	Brazil: Corcovado. 1817-09, Leg.: Martius, C.F.P. s.n.
39	<i>Celosia longifolia</i> Mart.	Amaranthaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0241344 / 736058 / 382089	Provinciae Sebastianopol. et Bahiensis.
40	<i>Combretum laxum</i> Jacq.	Combretaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0146652 / 480069 / 177764	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolitanae in sepibus.
41	<i>Ardisia martiana</i> Miq.	Primulaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0146954 / 480365 / 178066	Habitat in nemoribus primaevis ad Mandioccam; Provinciae Rio de Janeiro.
42	<i>Annona dolabripetala</i> Raddi	Annonaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0240191 / 730189 / 377014	In Brasiliae prov. Sebastian. prope suburb. Goa.
43	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Myrtaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0146744 / 480161 / 177856	Crescit in Brasiliae prov. Rio de Jan., in sylvis caeduis.
44	<i>Ardisia martiana</i> Miq.	Primulaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0146955 / 480366 / 178067	Brasilia in nemoribus primaevis ad Mandioccam; prov. Rio de Janeiro.

ANEXO B. Registros de ocorrência de espécimes botânicos coletados por Carl von Martius e depositados em herbários agregados ao GBIF. (*continuação*)

	Nome Científico	Família	Mês/Ano da coleta	Banco de dados	Código	Localidade
45	<i>Annona dolabripetala</i> Raddi	Annonaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0240192 / 730190 / 377015	Prope Goa vicin. Sebastianopoleos.
46	<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	Primulaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0165022 / 555736 / 234688	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopol. in M. Corcobado
47	<i>Bacopa monniera</i> (L.) Hayata & Matsum.	Plantaginaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0188452 / 584362 / 255821	in palustribus ad S. Cristovão. Provinciae Rio de Janeiro.
48	<i>Fridericia subincana</i> (Mart.) L.G.Lohmann	Bignoniaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0175821 / 600593 / 270413	Crescit in Brasiliae prov. Rio de Jan.º In sepibus
49	<i>Annona parviflora</i> (A.St.-Hil.) H.Rainer	Annonaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0240210 / 730208 / 377033	In silvis M. Corcovado, Prov. Sebastianop.
50	<i>Centropogon cornutus</i> (L.) Druce	Campanulaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0189980 / 590440 / 260381	Habitat in udis sylvarum ad Mandiocca; Provinciae R. d. J.
51	<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	Primulaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0165021 / 555735 / 234687	Habitat in montosis ad Sebastianopol. locis apricis et inter frutices; Provinciae Rio Janeiro
52	<i>Adenocalymma ternatum</i> (Vell.) Corr.Mello ex Bureau & K.Schum.	Bignoniaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086331 / 600364 / 270184	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolitanae.
53	<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A.DC.	Siparunaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0217774 / 661395 / 314184	Habitat in sylvis ad aquaeduct. prope Sebastianopolis. Provinciae Rio de Janeiro.

ANEXO B. Registros de ocorrência de espécimes botânicos coletados por Carl von Martius e depositados em herbários agregados ao GBIF. (*continuação*)

	Nome Científico	Família	Mês/Ano da coleta	Banco de dados	Código	Localidade
54	<i>Adenocalymma ternatum</i> (Vell.) Corr.Mello ex Bureau & K.Schum.	Bignoniaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086333 / 600366 / 270186	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolitan.
55	<i>Adenocalymma ternatum</i> (Vell.) Corr.Mello ex Bureau & K.Schum.	Bignoniaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086332 / 600365 / 270185	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolitanae.
56	<i>Guatteria pubens</i> (Mart.) R.E.Fr.	Annonaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0111008 / 32193 / 22987	Habitat in sylvis M. Corcovado et ad Mandiocca; Provinciae Rio de Janeiro. Haec spec. ad rivulum Mandioccensem.
57	<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A.DC.	Siparunaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0217775 / 661396 / 314185	Prov. Rio de Jan°.
58	<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A.DC.	Siparunaceae	09/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0217773 / 661394 / 314183	In silvis udis umbrosis ad riva supra M. Corcovado.
59	<i>Acalypha villosa</i> Jacq.	Euphorbiaceae	09/1817	Meise Botanic Garden Herbarium (BR)	BR00000133 09541	S.L.
60	<i>Romanoa tamnoides</i> (A.Juss.) Radcl.-Sm.	Euphorbiaceae	09/1817	Meise Botanic Garden Herbarium (BR)	BR00000133 37513	ad Soteropolin
61	<i>Maytenus obtusifolia</i> var. <i>obovata</i> Reiss ek	Celastraceae	09/1817	Meise Botanic Garden Herbarium (BR)	BR00000052 12781	ad Botafogo
62	<i>Acalypha amblyodonta</i> (Müll.Arg.) Müll.Arg.	Euphorbiaceae	09/1817	Meise Botanic Garden Herbarium (BR)	BR00000133 09053	in m. Corcovado
63	<i>Justicia cydoniifolia</i> (Nees) Lindau	Acanthaceae	10/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0186439 / 595869 / 265261	Mandiocca et Porto d'Estrella. Prov. Rio de Janeiro.

ANEXO B. Registros de ocorrência de espécimes botânicos coletados por Carl von Martius e depositados em herbários agregados ao GBIF. (*continuação*)

	Nome Científico	Família	Mês/Ano da coleta	Banco de dados	Código	Localidade
64	<i>Hiraea gaudichaudiana</i> (A.Juss.) A.Juss.	Malpighiaceae	10/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0242721 / 737871 / 383236	In sepibus suburbii Goa, prope Sebastianop. Brasiliae.
65	<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	Bignoniaceae	10/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0086436 / 600471 / 270291	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianop. et prope Porto da Estrella lecta [...]; In sepibus et sylvis haec arbor
66	<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	Primulaceae	10/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0165024 / 555738 / 234690	In silvis aeternis prope Sebastianopolin
67	<i>Jacaranda jasminoides</i> (Thunb.) Sandwith	Bignoniaceae	10/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0185643 / 600718 / 270538	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolit. ad urbem
68	<i>Jacaranda jasminoides</i> (Thunb.) Sandwith	Bignoniaceae	10/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0185645 / 600720 / 270540	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolitana ad Urbem
69	<i>Jacaranda jasminoides</i> (Thunb.) Sandwith	Bignoniaceae	10/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0185642 / 600717 / 270537	Crescit in Brasiliae prov. Sebastianopolitana prope urbem
70	<i>Daphnopsis martii</i> Meisn.	Thymelaeaceae	11/1817	Tropicos Specimens Non-MO	102571020	Habitat in silvis montis Corcovado.
71	<i>Daphnopsis martii</i> Meisn.	Thymelaeaceae	11/1817	Tropicos Specimens Non-MO	100214487	Habitat in silvis montis Corcovado.
72	<i>Beloperone longipetiolata</i> Nees	Acanthaceae	11/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0186308 / 595842 / 265234	in sylvis. Provinciae Rio de Janeiro.
73	<i>Solanum megalochiton</i> Mart.	Solanaceae	11/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0165995 / 539719 / 222333	Brasilia ad Rio de Janeiro

ANEXO B. Registros de ocorrência de espécimes botânicos coletados por Carl von Martius e depositados em herbários agregados ao GBIF. (*continuação*)

	Nome Científico	Família	Mês/Ano da coleta	Banco de dados	Código	Localidade
74	<i>Metternichia princeps</i> J.C.Mikan	Solanaceae	11/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0172193 / 540396 / 223010	Crescit in Brasiliae prov. Rio de Janeiro sylvis montanis
75	<i>Daphnopsis martii</i> Meisn.	Thymelaeaceae	11/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0145994 / 479314 / 177106	Habitat in sylvis Corcovado M.; Provinciae Rio Jo.
76	<i>Xylopia sericea</i> A.St.-Hil.	Annonaceae	11/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0240143 / 729653 / 376482	In silvis M. Corcovado, prope Sebastianopolin.
77	<i>Daphnopsis martii</i> Meisn.	Thymelaeaceae	11/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0145993 / 479313 / 177105	Habitat in sylvis ad Rio de Janeiro; Provinciae R. Janeiro.
78	<i>Sinningia magnifica</i> (Otto & A.Dietr.) Wiehler	Gesneriaceae	11/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0185805 / 594071 / 264263	Prov. Sebastianopolitana.
79	<i>Schwenckia divaricata</i> Benth.	Solanaceae	11/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0172162 / 540365 / 222979	Habitat in arenosis altis ad Aquaeductam Sebastianopolit.; Provinciae Rio de Jano.
80	<i>Wilbrandia verticillata</i> (Vell.) Cogn.	Cucurbitaceae	11/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0189740 / 584883 / 256255	Habitat in sepibus ad R. d. J.; Provinciae d. Rio de Janeiro
81	<i>Sinningia magnifica</i> (Otto & A.Dietr.) Wiehler	Gesneriaceae	11/1817	The Vascular Plant Collection at the Botanische Staatssammlung München	M-0185806 / 594072 / 264264	Prope Sebastianopolin in udis ad saxa. Prov. Sebastianopolitana.

ANEXO C - Relatos do caminho percorrido por Spix e Martius até o Corcovado subdivididos em seis trechos.

Trecho	Descrição físico-geográfica	Fauna	Flora
Mangue	planície pantanosa; coberta pela maré alta; lodo do mar e lixo da cidade, animais mortos, etc.; aspecto asqueroso; exalações insalubres; desaguadouros superficiais; beira arenosa; diversas plantas de ambos os continentes na praia	urubus (<i>Vultur</i> = [<i>Cathartes</i>] <i>aura</i>); caranguejos (<i>Cancer uca</i> , L.)	<i>Avicennia tomentosa</i> ; <i>Rhizophora mangle</i> L.; <i>Portulaca pilosa</i> ; <i>Pharnaceum cerviana</i>
Rua Mata-Porcos	sem descrições	sem descrições	sem descrições
Encosta que antecede o Corcovado	afastam-se das ruas e do rumor da gente; pujante natureza estranha; plantas espalhadas pelo estreito vale e pela rampa suave do morro; passando por diversos regatos [...] e por morros cobertos de mata nova.	passarinhos; borboletas; insetos; casas de vespas pendentes das árvores e as dos cupins	altas e aéreas cássias; cecrópias de folhas largas e troncos brancos [embauba], murtas de folhagem densa, bignônias arborescentes de grandes flores; moitas enredadas de paulínias com cheiro de mel; sarmentos de maracujá com as flores da paixão; trepadeira securidaca de rica floração, por entre as quais sobressaem as copas ondeantes da palmeira macaúba.
Aqueduto	vista da baía, das ilhas verdes, do porto, da cidade; aqueduto; outeiros cobertos de mato entreabertos por vistas aos vales do fundo; muitas vezes o caminho oferece clareiras onde o sol reflete no solo florido ou na folhagem brilhante das altas árvores próximas; outras vezes passa-se sob fresca e sombria bóveda de folhagem;	colibris matizados; canto mavioso de passarinhos estranhos e de insetos	Se alastram emaranhados de paulínias, securidacas, micânias, passifloras, ... Por entre as copas das céltis, das réxias e melastomáceas cobertas de flores, das bauínias, das mimosas de delicadas folhas, murtas; acolá formam impenetráveis bosques folhudas solâneas, senastiânias, eupatórias, crótos, aegiúfilas e inúmeras outras formas, de onde se destacam o ... bômbax lanífero, as cecrópias de folhas prateadas, o pau-brasil, a lecitídea com os seus extraordinários frutos, semelhantes a panelas, o palmito-juçara e muitos outros mais corifeus das matas, ainda sem nome.
Cascata da Carioca	A fonte, cuja água o aqueduto leva à cidade, despenha-se em bela cascata sobre rochas de granito	borboletas de asas grandes e pequenas; pássaros de plumagem variada porfiam, da manhã à tarde, com a diversidade de seus gorjeios.	Pés de begônias, de folhas oblíquas, esbeltos, costas e helicônias, cujas hastes floridas vermelhas reluzem na sombra da mata, gramineas esquisitas e fetos arbóreos, matagais suspensos, carregados de flores de vernônia, murtas e melastomatáceas

ANEXO C - Relatos do caminho percorrido por Spix e Martius até o Corcovado subdivididos em seis trechos. (*continuação*)

Trecho	Descrição físico-geográfica	Fauna	Flora
Corcovado	elevação seca, cheia de arbustos e árvores baixas, e torna pela mata virgem, que reveste a encosta do Corcovado; estreita e íngreme vereda sobe, passando por cima de alguns regatos da mata; quanto mais alto se sobe, tanto mais raros se vão tornando pouco a pouco os fortes troncos, e tanto mais aparecem bambus e samambaias; Cortanto penosamente pela penúltima brena, alcança-se o cume verde da montanha, sobre a qual se encontram alguns arbustos isolados, correspondente à vegetação dos campos mais altos de Minas; Para os lados do sul, a montanha é cortada a prumo, e o olhar se perde no abismo profundo.	Nenhuma menção	<i>Polypodium</i> = [<i>Cyathea</i>] <i>corcovadense</i> ; magnífica liliácea arbórea; <i>Vellozia candida</i> Mik.